

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA VIAGEM A DILERMANDO
DE AGUIAR/RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ana Cláudia Machado Paim

Santa Maria, RS, Brasil.

2009

A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS

por

Ana Cláudia Machado Paim

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação e Artes, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilda Oliveira de Oliveira

Santa Maria, RS, Brasil.

2009

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação de Mestrado

**A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA VIAGEM A DILERMANDO
DE AGUIAR/RS**

elaborada por
Ana Cláudia Machado Paim

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Marilda Oliveira de Oliveira (UFSM/RS)
(Presidente/Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Susana Rangel Vieira da Cunha (UFRGS/RS)

Prof. Dr. Luis Fernando Lazzarin (UFSM/RS)

Prof^a. Dr^a. Valeska Fortes de Oliveira (UFSM/RS)

Santa Maria, 21 de agosto de 2009.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS

Autora: Ana Cláudia Machado Paim
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilda Oliveira de Oliveira
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 21 de agosto de 2009.

A referida dissertação de mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa de 'Educação e Artes' do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Concebe como objetivos investigar como as educadoras percebem a cultura visual no universo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello (escola-núcleo), no município de Dilermando de Aguiar - RS. A metodologia caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, balizada pela Investigação Baseada nas Artes (IBA). Os dados foram agrupados por meio de entrevistas semi-estruturadas e narrativas a partir de imagens, além do diário de campo. O marco teórico da pesquisa foi construído a partir do diálogo com autores como EFLAND; FREEDMAN e STUHR (2003); FREEDMAN (2006); HERNÁNDEZ (2000; 2006; 2007; 2008); MIRZOEFF (2003); BREA (2005); MARTINS (2008) e DIAS (2008), os quais discorrem acerca da importância da discussão da cultura visual nos currículos, da discussão desta relação nos planejamentos de ensino, e finalmente a relevância das imagens e as interpretações das representações visuais.

Palavras-chave: cultura visual, escola rural, pesquisa narrativa.

ABSTRACT

Thesis of Master's Degree
Program of Master's Degree in Education
Federal University of Santa Maria

VISUAL CULTURE AT SCHOOL: A JOURNEY TROUGH DILERMANDO AGUIAR / RS

Author: Ana Cláudia Machado Paim
Advisor: Prof^a. Dr. Oliveira Marilda de Oliveira
Date and Location of Defense: Santa Maria, August 21, 2009.

The Master's thesis is associated to the research line 'Education and Arts' of the Post-graduation Program of Studies on Education in the Federal University of Santa Maria/RS. Therefore, the present thesis is aimed at investigating how teachers perceive the world of visual culture in the municipal school Elementary School Valentine Bastianello (school of nucleus) in the town of Dilermando de Aguiar - RS. The methodology was qualitative, marked by Investigation Based on the Arts - IBA. Thus, data were gathered through semi-structured interviews and narratives from images, beside of a field diary. The theoretical background of the research was constructed from the conceptions by Efland; FREEDMAN and Stuhr (2003); FREEDMAN (2006), Hernández (2000; 2006; 2007; 2008); MIRZOEFF (2003); BREA (2005); MARTINS (2008) and DIAS (2008). These authors discuss the importance of the debates on visual culture in the curricula, the argument of this relationship in planning, teaching, and finally the relevance of the images and interpretations of visual representations.

Keywords: visual culture, rural school, narrative research.

RESUMEN

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

LA CULTURA VISUAL EN EL ESPACIO ESCOLAR: UN VIAJE A DILERMANDO DE AGUIAR/RS

Autora: Ana Cláudia Machado Paim
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilda Oliveira de Oliveira
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 21 de agosto de 2009.

La referida investigación de disertación de máster establece vínculo con la Línea de Investigación de 'Educación y Artes' del Programa de Posgrado en Educación de la UFSM/RS. Concibe como objetivos investigar como las educadoras perciben la cultura visual en el universo da E. M. E. F. Valentim Bastianello (escuela-núcleo), en la ciudad de Dilermando de Aguiar - RS. La metodología se caracterizó por un abordaje cualitativo, en la perspectiva de la Investigación Basada en las Artes (IBA), siendo que los datos fueron agrupados por medio de entrevistas semiestructuradas y narrativas a partir de imágenes, además del diario de campo. El marco teórico de la investigación fue construido desde el diálogo con autores como EFLAND; FREEDMAN y STUHR (2003); FREEDMAN (2006); HERNÁNDEZ (2000; 2006; 2007; 2008); MIRZOEFF (2003); BREA (2005); MARTINS (2008) y DIAS (2008), los cuales disertan a cerca de la importancia de la discusión de la cultura visual en los currículos.

Palabras clave: cultura visual, escuela rural, pesquisa narrativa.

Dedico

*À minha família,
À minha orientadora e aos colaboradores desta pesquisa,
Aos que acreditam na educação.*

**Compreendendo o porquê
desta nossa viagem... p. 8**

A

6h40min: Seja bem-vindo! ... p. 12

**Uma conversa com o (a) amigo
(a) leitor (a) viajante... p. 10**

7h: continuemos nossa viagem! ... p. 32

**A VAN É SEMINOVA, MAS JÁ PERCORREU
20.000 km
• Precedentes do Estudo no Campo... p. 44**

D

**Algumas informações sobre as
imagens ... p. 99**

13h30min... p. 84

A LEI EM TRÂNSITO

**• Diretrizes Operacionais para a Educação
Básica nas Escolas do Campo... p. 96**

16h 40min... p. 90

Para Recortar... p. 101

C

ÍNDICE DE IMAGENS... p. 108

B

**SUBA NA VAN, VAMOS A DILERMANDO DE AGUIARI
• A História de Dilermando em 40 minutos... p. 93**

REFERÊNCIAS... p. 118

Compreendendo o porquê desta nossa viagem...

Chamo-me Ana Cláudia Machado Paim, sou a mestranda desta referida dissertação, intitulada A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS. O trabalho está vinculado à Linha de Pesquisa de 'Educação e Artes' do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Ao longo do texto, o qual proponho no formato de uma narrativa de viagem, busco arriscar-me/aventurar-me nesta área, visando uma melhor aproximação à forma com a qual penso e escrevo.

Assim, os teóricos da pesquisa estão na van e possuem suas falas. A exemplo, dispus desta forma:

- As imagens estão relacionadas com o conhecimento prévio, estão integradas com outras imagens criadas por outras pessoas, e são recuperadas com diversos objetivos, incluindo o objetivo de interpretar e criar novas imagens. - explanou FREEDMAN (2006, p. 28-29) à educadora Dirlene.

Nos anexos abordei questões tangentes à temática, sendo sua apresentação dividida conforme aparecerem ao longo do texto (com suas respectivas cores e páginas). Por exemplo: "Caro leitor, se você estiver interessado em conhecer melhor a história de Dilermando, vá até o mapa, no ponto C e veja qual é a cor e a página."

Concernente ao porquê da analogia da 'viagem na van', realizei este desenho/projeto conforme a nossa realidade diária. Deslocamo-nos até a Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello, localizada no município de Dilermando de Aguiar, segundas, quartas e sextas-feiras (nós, educadores do currículo por disciplina), aproximadamente, às 6h40min e regressamos às 16h40min. Nosso transporte é a van e é nela que, seja na ida, como na volta, (des)construo meus pensamentos, visto que nossos quarenta minutos neste veículo raramente estão para o ócio! Acerca do transporte, no momento, não há

ônibus de hora em hora que chegue ao nosso destino. São horários preestabelecidos, almejando que a população rural se planeje para a realização de suas atividades na cidade de Santa Maria/RS. Os ônibus entram nas estradas solicitadas, anteriormente, pelos moradores das localidades pertencentes ao município de Dilermando.

Desta forma, como a viagem se torna muito morosa - de 40min passa a 1h30min, aproximadamente -, resolveu-se (por educadores anteriores à minha nomeação) contratar a van.

A respeito das entrevistas, estas foram realizadas individualmente. A reunião de todos - teóricos, educadoras, orientadora e orientanda –, em um grande grupo, nunca aconteceu. Apenas os reuni metaforicamente, buscando fazer uma analogia ao discurso polifônico, ou seja, procurei trazer as vozes de todos os colaboradores e suas contribuições para juntar às minhas, construindo um texto nosso, mais dinâmico e dialógico.

Uma conversa com o (a) amigo (a) leitor (a) viajante:

Esta será uma viagem de pesquisa para Dilermando de Aguiar/RS, no qual nosso ponto de chegada será a Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello.

Você terá como companhia para este rumo, **o narrador e motorista Seu Lulu** – uma figura emblemática no nosso meio, reconhecido por sua gentileza e educação -; **Ana Cláudia** – a orientanda -, a orientadora **OLIVEIRA** – referindo à minha orientadora, cujo nome é Marilda Oliveira de Oliveira -; as seis educadoras **Vera, Fátima, Simoni, Denise, Marília e Dirlene**. Haverá, também, lugares reservados para os teóricos **EFLAND; FREEDMAN e STUHR** (2003); **FREEDMAN** (2006); **HERNÁNDEZ** (2000; 2006; 2007; 2008); **MIRZOEFF** (2003); **BREA** (2005); **MARTINS** (2008) e **DIAS** (2008), os quais discorrem acerca da importância da discussão da cultura visual nos currículos, da contemplação desta relação nos planejamentos de ensino, e finalmente a relevância das imagens e as interpretações das representações visuais.

Igualmente, viajam conosco os professores membros da banca examinadora: Susana Rangel Vieira da Cunha, Luis Fernando Lazzarin e Valeska Fortes de Oliveira.

Aviso que sente em seu referente lugar, a seguir denominado (se resolver trocar o mesmo, entre em acordo com a respectiva pessoa do banco demarcado):



Um lembrete muito importante é que levem consigo o nosso mapa, o qual contém o nosso itinerário. Com ele você poderá encontrar, rápida e prontamente, as páginas e os locais que, ao longo do trajeto, entraremos em contato. Todavia, não se preocupe com esta questão, pois as legendas e as páginas serão anunciadas e propostas conforme os deslocamentos da nossa viagem de estudos.

É interessante ressaltar que, ao final desta viagem, você perceberá que como resultados do processo de pesquisa, teceremos como considerações percalços, reflexões, questionamentos e dúvidas. Acerca dos resultados, poderemos analisar se as questões de pesquisa foram respondidas e em que grau/etapa. Entretanto, não se tratará de uma pesquisa pronta, finalizada e acabada em si mesma. Desta forma, outras viagens estarão por vir!

Lembre-se, a van sairá de Santa Maria às 6h40min e retornará às 16h40min. Espere no seu ponto.

Ótima viagem!

6h40min: Seja bem-vindo!

Muito prazer, sou o Seu Lulu, motorista e narrador desta viagem! Sinta-se à vontade! E, a partir de agora, amigo (a) leitor (a) viajante pode sentar no seu banco, colocar o cinto de segurança (é claro!) e se preparar para esta instigante e, por que não, divertida viagem entorno da CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR RURAL: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS.

Ah, sim, sim, esqueci de dizer a você, como e por que Ana Cláudia pensou na realização desta viagem. Um lapso de memória, mas nada que eu não possa voltar ao tempo e contar esta história.

Aviso, antes de tudo, que Ana Cláudia não é a protagonista desta narrativa – aliás, não temos, também, antagonistas -, pois ela será construída por meio da contribuição das educadoras da Escola Valentim Bastianello, da orientadora de Ana Cláudia, dos teóricos e, logicamente, com a sua contribuição, caro leitor.

Sobre o que estava falando anteriormente, o interesse de Ana Cláudia pela temática desta viagem surgiu a partir de um encontro de orientação do projeto de dissertação que ela teve com sua orientadora OLIVEIRA. Foi, justamente, logo que Ana Cláudia começou a cursar o mestrado. Neste dia, iniciava-se a orientação do projeto de dissertação.

Primeiramente, a senhorita Ana Cláudia contou à orientadora o porquê de ter escolhido esta temática e qual seria a relevância da pesquisa que ela pretendia realizar:

“- Bem, se eu for lembrar fatos e pessoas que me impulsionaram à pesquisa sobre a temática, remeto, primeiramente, à problematização das imagens da cultura visual exercida pelas educadoras Jocielle Lampert e você, – em momentos de problematizações, reflexões e tensões referentes a este tema -, no decorrer do curso de Artes Visuais – Licenciatura Plena, da Universidade Federal de Santa Maria - RS.

Em um momento de finalização da graduação deste mesmo curso, pesquisei sobre “O ensino das artes visuais e sua relação com as imagens multimidiáticas”, durante o meu estágio, como também “O ensino das artes visuais e sua relação com a imagem televisiva”, monografia de conclusão do curso. Quis continuar e aprofundar estas investigações no mestrado, buscando trabalhar com um campo que abrangesse todos estes temas por mim pesquisados: a cultura visual .

Acredito que seria muito importante seguir com a pesquisa já realizada, pois outros caminhos se abririam ao longo do processo e eu, possivelmente, (re) pensarei sobre cada etapa sob outros olhares.

Outro fato importante a ser relatado, foi a minha nomeação como educadora de artes visuais, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello (escola-núcleo), no município de Dilermando de Aguiar, em setembro de 2007, período no qual acabara de ingressar no Mestrado em Educação. “– justificou a orientanda.

Neste momento, OLIVEIRA indagou:

“- Entretanto, o fato de ter sido nomeada para lecionar em uma escola rural justificaria seu *lócus* de pesquisa ser uma escola rural?”

“- Penso que, mesmo eu tendo vivido em cidade de maior porte, nada impede que eu me interesse em pesquisar sobre escola rural”. – justificou Ana Cláudia – “Justamente, por estar em processo de construção de conhecimento acerca desta realidade que, em um primeiro momento, me é quase que por completo distante, sinto uma imensa necessidade de compreendê-la. Principalmente, porque, ao procurar referenciais bibliográficos sobre a relação cultura visual/escola rural, nada encontrei. É difícil, também encontrar pesquisas que contemplem a educação em escola rural. Assim, unindo-se às minhas palavras, Damasceno; Beserra (*apud* WERLE: 2007, p.10) afirmam:

O tema da escola rural é pouco difundido como área de pesquisa e de formação, seja em cursos de Graduação seja na Pós-Graduação. Trabalho recente acerca do estado da arte em educação rural no Brasil indica lacuna de produção de conhecimentos e a existência de poucos estudos em andamento sobre a questão rural. Na perspectiva das pesquisas e das políticas educacionais afirmam as autoras que é marcante e permanente a marginalização e o desinteresse pela educação rural, geralmente considerada questão de menos importância, tanto pelo governo federal quanto pelas universidades e centros de pesquisa.

Deste modo, esta pesquisa oportunizaria a ampliação do espaço para o debate entorno da cultura visual e da educação no campo, aprofundando o diálogo e reunindo contribuições de pesquisadores, teóricos e educadores “– explanou Ana Cláudia. – “Uma pesquisa que contribuiria, não somente, para/com a ação pedagógica dos educadores de escola rural, como também, poderia convergir a atenção de mais pesquisadores para a investigação da temática.” – afirmou a orientanda.

Acreditando que haveria a possibilidade de realização da relação cultura visual/escola em todas as disciplinas do currículo, Ana Cláudia explicitou:

“- A cultura visual é um campo que mantém um contato significativo e influente no cotidiano do educando, podendo, assim, provocar relações e discussões com os conteúdos das disciplinas.”

“- Seriam, então, discussões/problematizações/reflexões sob a ótica rural?”– questionou OLIVEIRA.

“- Sim, uma temática pouco abordada, referente à relação desta ótica com a cultura visual. Portanto, investigar como as educadoras percebem a cultura visual no universo da E. M. E. F. Valentim Bastianello (escola-núcleo), no município de Dilermando de Aguiar – RS, seria o problema desta pesquisa” – elucidou a orientanda.

Então, finalizando a primeira orientação, OLIVEIRA solicitou que Ana Cláudia enviasse para seu endereço de e-mail, dentro de duas semanas, qual seria a abordagem metodológica que ela utilizaria. Para tanto, a orientanda indicou alguns livros, a fim de que a orientanda compreendesse melhor cada abordagem e métodos de pesquisa existentes.

Pois é, amigo (a) leitor (a) / viajante... Imagine como a senhorita Ana Cláudia ficou com a notícia de que teria que decidir, em duas semanas, qual seria a metodologia que adotaria, visto que ainda teria que discorrer sobre o assunto! Não, não amigo, nada de tragédia, muito menos de consternação! A senhorita se sobressaltou, mas logo lembrou que, desde o início do curso, sabia que o estudo e trabalho seriam constantes, além do mais, este seria um significativo período de sua vida.

Ana Cláudia dedicou suas horas vagas (lembra que ela trabalha nesta escola-núcleo?!) a cogitar, também, como poderia tornar a pesquisa ainda mais prazerosa e como poderia entrecruzar os pensamentos dos autores com os das educadoras. Após um bom tempo, veio em sua mente uma vez: - Convidarei os teóricos para uma viagem de pesquisa à escola Valentim (afetuosamente chamada pela comunidade escolar)! Bom, mas antes, tenho que elaborar o texto....

Boa tarde!

Enfim, consegui terminar esta etapa!

Antes de tudo, gostaria de compartilhar uma idéia que tive: convidar os teóricos abaixo - os quais **discorrem acerca da importância da discussão da cultura visual nos currículos**- para uma viagem de pesquisa à E.M.E.F.Valentim Bastianello:

EFLAND; FREEDMAN e STUHR (2003); FREEDMAN (2006); HERNÁNDEZ (2000; 2006; 2007; 2008); MIRZOEFF (2003); BREA (2005); MARTINS (2008) e DIAS (2008).

Penso que eles, em trabalho conjunto com as educadoras da escola, poderão contribuir,

e muito, para esta pesquisa. Qual sua opinião? Ah, a convidado para vir conosco!

Aguardo sua resposta!

Envio em anexo (clique no clipe vermelho) a Linha Metodológica!

Orientadora OLIVEIRA, quando li aquele artigo da Sandra Mara Corazza (2007, p. 121), refleti que:

[...] uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida. A “escolha” de uma prática de pesquisa, entre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivados/os, como estamos no jogo de saberes e como nos relacionamos [...] Por isso, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos “escolhidas/os”.

Assim, pude perceber que somos escolhidas/os pelos métodos que nos produziram sentidos, que nos significaram e que nos subjetivaram...

Então é isto!

Abraço,

Ana Cláudia.



Acerca da Linha Metodológica, a pesquisa que proponho será constituída por meio da **Investigação Baseada nas Artes (IBA)**, a qual, Barone e Eisner (*apud* HERNÁNDEZ, 2008, p. 92) definem como uma investigação qualitativa, que abrange procedimentos relacionados à arte, sejam eles literários, performáticos, como nesta pesquisa, visuais. Este tipo de investigação se utiliza destes procedimentos para tratar de experiências e colaborações, que tantos os participantes (pesquisador, leitor e colaborador), como as interpretações de suas falas não seriam visíveis por meio de outros métodos de investigação. Mason e Sclater (*apud* HERNÁNDEZ, 2008, p. 93) enfatizam a importância do uso de imagens em entrevistas, pois auxiliam para relacionar tanto aspectos pessoais, individuais, quanto coletivos da vida cultural. Principalmente, a Investigação Baseada nas Artes busca provocar/suscitar mais questionamentos, escutas, reflexões, problematizações e discussões, do que respostas e conclusões fechadas. Procura tecer paralelos entre narrativas textuais e visuais “que se complementem, entrecruzem” (HERNÁNDEZ: 2008, p. 100) e possibilitem a construção de múltiplos olhares, interpretações e relações.

Para tanto, me utilizarei da perspectiva da **investigação narrativa**, sendo este o melhor caminho para compreender a experiência docente, sobretudo, dar voz à experiência vivida pelos colaboradores, descobrindo o ‘outro’ como colaborador e protagonista da pesquisa, e não como ‘objeto’ do conhecimento. Deste modo, entende-se por pesquisa narrativa a articulação da tripla dimensão de construção dialógica entre os sujeitos (investigador e informantes), os informes de pesquisa como produção textual narrativa e reconstrução biográfica. A perspectiva narrativa amplia possibilidades para a pesquisa em arte e educação, bem como reflete sobre o lugar do pesquisador, suas implicações pessoais éticas e sua posição no diálogo com o ‘outro’ pesquisado. O texto foca o processo de construção da pesquisa e as bases epistemológicas que a configuram.

Pretendo, assim, utilizar a **pesquisa narrativa a partir de imagens**.

As colaboradoras da pesquisa serão seis (6) educadoras da E. M. E. F. Valentim Bastianello (escola-núcleo), no município de Dilermando de Aguiar/RS, as quais lecionam as disciplinas de Ciências, História, Língua Portuguesa, Geografia, Língua Inglesa e Matemática no Ensino Fundamental. O motivo pelo qual realizei o estudo com as educadoras destas áreas, se deve ao meu interesse em obter um leque maior de possibilidades e concepções acerca da relação cultura visual / disciplinas do currículo, ou seja, uma variedade maior de áreas contribuirá para distintas visões sobre a temática. Como já havia mencionado anteriormente, a cultura visual constitui-se de um importante campo de estudo a ser discutido / dialogado / analisado / cogitado em todas as áreas do currículo, uma vez que mantém um contato de ímpar relevância e influência no cotidiano do educando, podendo, assim, instigar relações com os conteúdos das demais disciplinas escolares.

É importante salientar que não foi pontual a escolha das áreas que participam desta, pois o que considerei foi a disponibilidade das participantes e seus interesses em realmente contribuir para esta investigação.

A escolha desta escola-núcleo como espaço de investigação se deu por duas razões, primeiro porque estou inserida neste *lôcus* de trabalho como professora municipal, sendo assim um espaço que ensejo conhecer melhor e segundo por serem escassas, senão inexistentes, as pesquisas partindo da ótica da cultura visual no meio rural.

Em se tratando dos instrumentos para organizar o material, farei uso da entrevista

semi-estruturada, do diário de campo e da entrevista narrativa a partir de imagens.

Por meio da **Entrevista Semi-Estruturada** – a qual desenvolverei a partir de uma estrutura básica de questões, o que permitirá que eu desempenhe um delineamento, permitindo que eu faça adaptações ao longo da realização e liberdade de percurso da mesma.

Aliada a estes instrumentos, também me utilizarei da **Entrevista Narrativa a partir de Imagens**, a qual “tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado a dissertar, a contar a história de um acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 93).

Por conseguinte, realizarei a interpretação do material – a fim de entender suas falas e concepções -, consoante o lugar de fala das educadoras, suas concepções e os significados que construíram, previamente, acerca da temática da pesquisa. Procurarei trazer as suas vozes para juntar as minhas e através de um discurso polifônico construir outro texto, que não será só meu, nem só delas, mas, nosso.

Ana Cláudia estava ansiosa em saber a opinião de sua orientadora. No final do dia acessou seu e-mail e logo viu uma nova mensagem de OLIVEIRA na caixa de entrada. Abriu e leu:

Boa noite Ana Cláudia,

Sobre a questão da viagem, dou a você todo o apoio para a realização e marque um lugar para mim, pois aceitei o convite! Não se preocupe, entrarei em contato com os teóricos. Envie-me o dia, o mês e o horário e em que ponto pegaremos a van para a escola.

No que se refere à linha metodológica, seria interessante que você fizesse um mapeamento acerca da cultura visual dos educandos da escola, para que você proponha um diálogo com as imagens que as educadoras apresentarem. A propósito, aconselho que você realize as entrevistas antes de viajarmos à escola, a fim de que tenhamos em mãos o retorno das professoras no momento do encontro com as mesmas. Penso que seria interessante que as professoras pudessem discutir suas concepções e conceitos conosco e

com os teóricos presentes.

Abraço,

OLIVEIRA.

Eis a resposta de Ana Cláudia...

Bom dia!

Muito obrigada por entrar em contato com eles!

Esperem em frente ao hotel “Tarelli”, dia 22 de maio, sexta-feira, às 7h.

Enviei em anexo o mapa que aponta onde fica a escola, na localidade de São José da Porteirinha.

Sobre a Linha Metodológica, em razão de não conhecer a realidade desta instituição escolar a qual fui nomeada, ao iniciar meu trabalho, realizei mapeamentos para compreender, gradativamente, o espaço imagético daqueles educandos, visando abordar esta relação com a disciplina de artes visuais. Assim, busquei ouvir seus pontos de vista, elaborei questões, como quais eram suas músicas (e, por conseguinte, intérpretes e seus cds e dvds), programas televisivos, revistas, campanhas publicitárias e marcas, objetos de desejo, jornais, pessoas públicas, filmes, sites preferidos, como também, se haviam visitado alguma exposição de artes visuais, solicitando o porquê de suas escolhas.

Ao perceber aproximações de elementos da cultura visual urbana e rural, apresento alguns exemplos, como a preferência por: Grupo ‘RBD’ (Rebelde), México; Filme ‘High School Musical’ Estados Unidos; Banda ‘Fresno’, Brasil; Banda ‘NXZero’, Brasil; Banda ‘Tihuana’, Brasil; Filme ‘Tropa de Elite’, Brasil; Grupo ‘Calcinha Preta’, Brasil.

Ao identificar elementos presentes à visualidade rural, tornam-se mais evidentes: Revista ‘Globo Rural’, Brasil; Grupo ‘Tchê Garotos’, Brasil; Filme ‘A Era do Gelo 2’, Estados Unidos; ‘Rodeio Crioulo I’, em Dilermando de Aguiar; ‘Rodeio Crioulo II’, em Dilermando de Aguiar;

ENVIEI, NESTE E-MAIL, AS IMAGENS EM ANEXO!

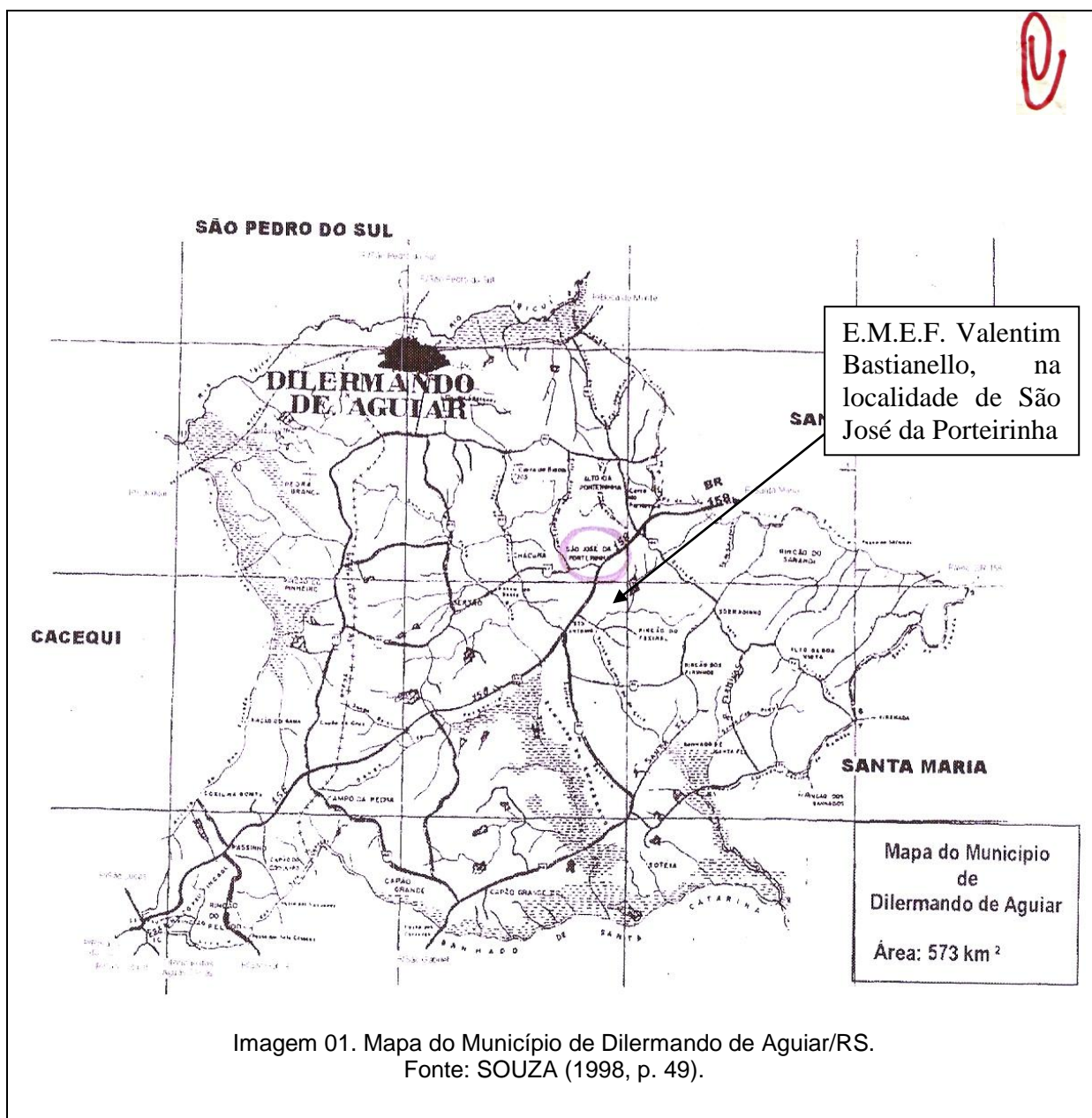
Por meio deste diagnóstico inicial, pude compreender que, assim como há elementos da visualidade urbana que variam e diferem conforme indivíduo e/ou grupos, no meio rural a situação se apresenta de maneira semelhante. **Por esta razão utilizei a expressão “elementos presentes à visualidade rural”.**

Farei as entrevistas durante este dois meses que antecedem a viagem.

Bom, continuarei trabalhando na pesquisa! Muito obrigada pelo retorno!

Abraço,

Ana Cláudia.



OLIVEIRA abriu o anexo para poder se localizar e repassar a informação aos teóricos.

- Ei, terei que fazer uma pausa aqui! – diz Seu Lulu – Solicito que lance mão das imagens avulsas, a fim de que você tenha uma melhor visualização das mesmas. Olhe no mapa principal, na letra A, intitulado “Para Recortar” e identifique a cor e a página. Seria bom que você mantivesse estas imagens

distribuídas a sua frente, pois, a partir de agora as utilizaremos. Continue lendo, agora, o que a senhorita Ana Cláudia escreveu no e-mail:



Ao perceber aproximações de elementos da cultura visual urbana e rural, apresento alguns exemplos, como a preferência por:

Para realizar este diagnóstico, permaneci no pátio da escola, durante os recreios, observando e conversando com os educandos sobre seus grupos e bandas favoritas. É interessante relatar que, em alguns destes recreios, pude presenciar muitos deles cantando e dançando separados, em duplas e/ou em grupos as músicas e coreografias – por eles criadas – dos seguintes grupos e bandas:



Imagem 02. Grupo 'RBD' (Rebelde), México.
Fonte: <http://www.rbdbr.kit.net/radio/02rebeldepor.htm>

'RBD' é um grupo musical originário do México, o qual surgiu no ano de 2004, como uma extensão da novela Rebelde. Segundo alguns relataram, esta novela, bem como sua trilha sonora, apresenta como são as vidas dos adolescentes, início das relações amorosas, suas angústias, dúvidas, as relações entre pares, seja na escola, como em outros espaços.

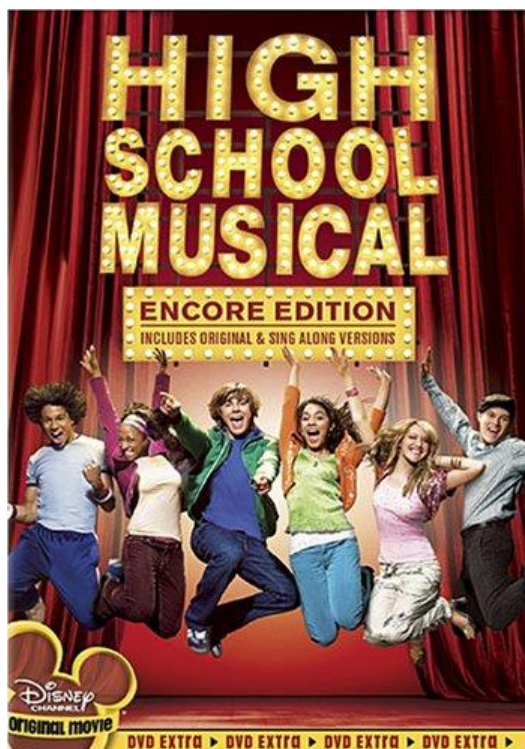


Imagem 03. Filme 'High School Musical' Estados Unidos.
Fonte: http://www.arabzs.com/2007/11/14/high_school_musical1_dvd.html

O filme 'High School Musical' é considerado pelos educandos como um dos mais empolgantes musicais da Disney, principalmente, por se tratar de um espaço de relevante importância na vida dos educandos: a escola.

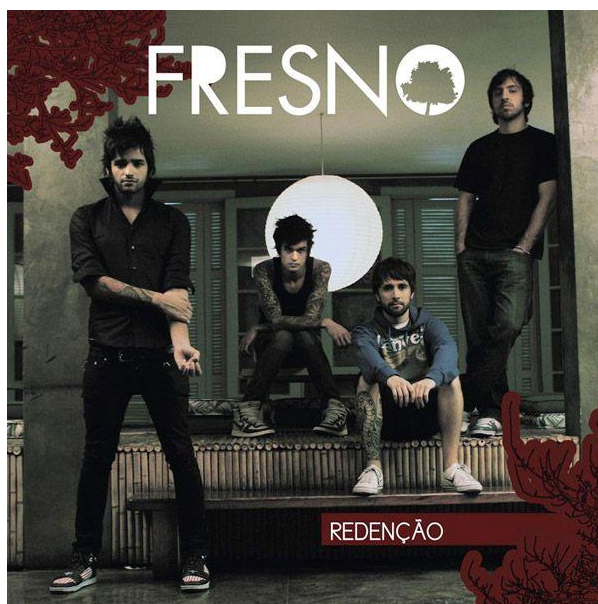


Imagem 04. Banda 'Fresno', Brasil.
Fonte: <http://didifoolya.wordpress.com/2008/04/17/redencao/>

Esta banda porto-alegrense de rock “Fresno” foi formada no final da década de 90. Dentre os temas de suas composições estão as desilusões amorosas e exposição aberta de sentimentos.



Imagem 05. Banda ‘NXZero’, Brasil.

Fonte: http://www.amomusica.com.br/dvds/dvds_artistas_mostra.asp?IDdvd=46&IDart=26

‘NX Zero’ é uma banda pop rock, de gênero emocore, formada em 2001, na capital paulista. De uma forma semelhante ao da banda Fresno, os temas de suas composições também estão repletos de declarações, desilusões amorosas e exposição aberta de sentimentos, por isto, o interesse dos educandos.

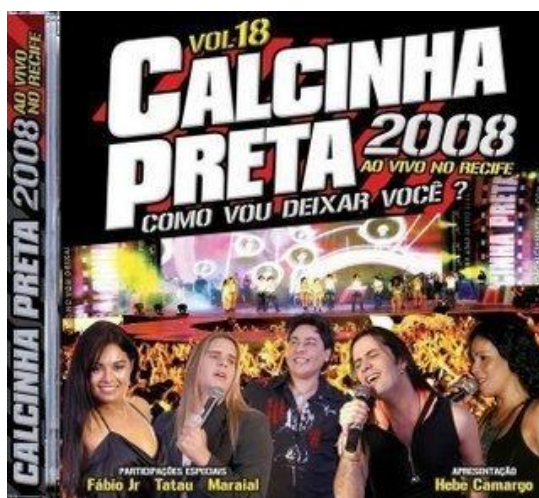


Imagem 06. Grupo ‘Calcinha Preta’, Brasil.

Fonte: http://www.cdscompletos.net/2007_11_18_archive.html

O grupo 'Calcinha Preta' de forró (romântico) eletrônico foi formado, em 1995, em Aracaju. A maioria dos educandos se mostra contagiado pelo ritmo. Inúmeras vezes pediram que a direção da escola colocasse as músicas deste grupo, no momento de intervalo. O motivo do interesse são as letras, as quais abordam encontros e desencontros amorosos.

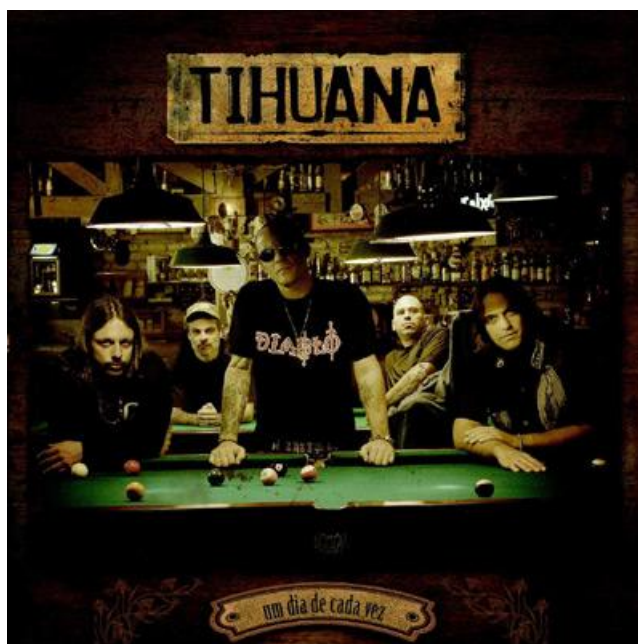


Imagem 07. Banda 'Tihuana', Brasil.

Fonte: <http://xgoogle.com.br/blog/2008/03/28/download-do-cd-tihuana-um-dia-de-cada-vez/>

'Tihuana' é uma banda de hard rock, formada no final dos anos 90, na capital paulistana. O interesse por esta banda, por parte dos educandos, surgiu em razão deles terem assistido o filme e, por conseguinte, a trilha sonora a seguir:



Imagem 08. Trilha sonora do filme 'Tropa de Elite', Brasil.

Fonte: <http://www.sitedemusica.blogspot.com/2007/12/va-tropa-de-elite-trilha-sonoa-oficial.html>



Imagem 09. Filme 'Tropa de Elite', Brasil.

<http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL310454-7086,00.html>

O filme 'Tropa de Elite' foi dirigido por José Padilha e data o ano de 2007. Este possui como temática o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Obteve significativa repercussão, em razão de ter sido clonado, pirateado e divulgado antes de ser veiculado nos cinemas. Houve muito interesse dos educandos em assistir este filme, porque,

segundo a maioria “mostrava como a vida como ela é”; “existe violência em nosso país e este filme tentou chamar nossa atenção para isto”.

Ao identificar elementos presentes à visualidade rural, tornam-se mais evidentes:



Imagem 10. Revista 'Globo Rural', Brasil.
Fonte: <http://www.guiadecor.com.br/revistas/capas/>

A revista 'Globo Rural' iniciou sua circulação datando o ano de 1985, pela Editora Globo. Em publicações mensais e voltada para o mesmo público de programa homônimo (da rede Globo), aborda assuntos relacionados à agricultura e pecuária, tecnologias, cultura, dentre outros, enfatizando reportagens de interesse do produtor rural.

Foi colocada uma espécie de banca de revistas no pátio da escola, mais especificamente, no saguão. Ali, os educandos estão livres para ler qualquer revista que mostrarem interesse – todo o material foi assinado pela direção e/ou pela comunidade escolar. Diversas vezes, durante o recreio, fui chamada para ouvir as matérias que eles estavam lendo e aprender, com eles, como é a vida no campo. Momentos importantes para eles, especialmente, para mim, pois constantemente, digo a eles que os educadores também aprendem com os educandos.



Imagem 11. Grupo 'Tchê Garotos', Brasil.
Fonte: http://sobailao.blogspot.com/2008_02_01_archive.html

'Tchê Garotos' é um grupo de tchê music, formada em 1995, em Porto Alegre. A maioria dos educandos gosta de dançar ao som deste grupo. Basta tocar suas músicas no alto-falante que a maioria dos educandos começa a dançar no pátio. Eles se interessam tanto pelo ritmo, quanto pelas letras, as quais tratam, segundo os educandos, de amor, da forma como se expressam e vivem no meio rural.

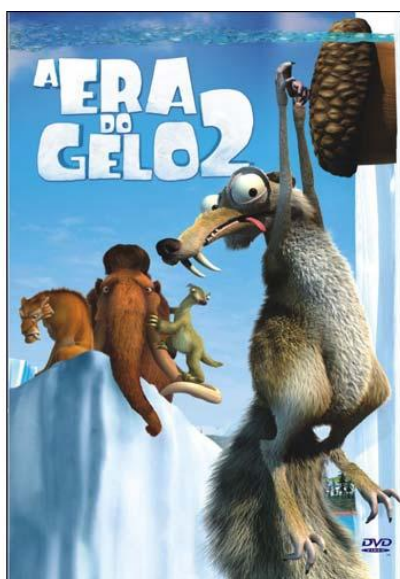


Imagem 12. Filme 'A Era do Gelo 2', Estados Unidos.

Fonte: http://www.populy.com.br/filmes/?local=verLista&acao=verLista&categoria_id=9

O filme de animação 'A Era do Gelo', produzido pela Blue Sky Studios, sob a direção de Chris Wedge (norte-americano) e Carlos Saldanha (brasileiro), foi lançado em 2002. O sucesso de público impulsionou ao lançamento do segundo filme, 'A Era do Gelo 2'. Dentre as personagens estão a preguiça Sid, o mamute Manfred, o tigre Diego, o roedor Scrat. Os educandos assistiram a estes dois filmes na aula de Ciências e, posteriormente, vieram logo me contar. Relataram que gostaram muito da animação por tratar dos animais, sob um viés cômico.



Imagem 13. 'Rodeio Crioulo I', em Dilermando de Aguiar.

Fonte:

http://www.dilermandodeaguiar.rs.gov.br/index.php?option=com_rsgallery2&id=14&Itemid=1&page=inline&id=94&catid=8&limitstart=31



Imagem 14. 'Rodeio Crioulo II', em Dilermando de Aguiar.

Fonte:

http://www.dilermandodeaguiar.rs.gov.br/index.php?option=com_rsgallery2&id=14&Itemid=1&page=inline&id=96&catid=8&limitstart=33

O 'Rodeio Crioulo' (imagens 13 e 14) foi um evento que ocorreu como parte integrante da 4ª Edição da Feira Comercial, Industrial, Agropecuária, Esportiva e Cultura de Dilermando de Aguiar. Atualmente, está acontecendo 5ª edição da feira. A grande maioria se interessa pelos rodeios e eventos desta área, por se tratar de atividades que eles valorizam em seus cotidianos. Toda semana vem ao

meu encontro educandos que desejam contar como foi participar do rodeio, quais foram suas colocações, acontecimentos que lhes foram importantes, etc.

Assim como havia combinado com a sua orientadora, Ana Cláudia realizou as entrevistas com as educadoras, individualmente. Em um primeiro momento, ela solicitou que as colaboradoras selecionassem duas imagens que tivesse relação com sua disciplina (ou porque utilizam em sala de aula ou porque aparecem nos materiais didáticos ou porque poderiam ser utilizadas) para levar no encontro. Num segundo momento, Ana Cláudia solicitou que explanassem o porquê de suas escolhas e a relação com a sua disciplina e conteúdos trabalhados em sala de aula. Foram necessários dois encontros para esta etapa; pois no segundo encontro a orientanda levou imagens que dialogavam com as das educadoras, que estabeleciam relações com as imagens trazidas por elas, tentando uma aproximação. No terceiro encontro, a senhorita realizou uma entrevista semi-estruturada buscando ampliar as narrativas anteriores – as questões você, amigo leitor, situará mais a frente.

Ana Cláudia se surpreendeu com a boa vontade das mesmas em contribuir com a pesquisa. O único empecilho para o andamento dos encontros com as educadoras foi o tempo vago na escola. Este espaço era o único local em que poderiam se encontrar, considerando que tinham outras atividades e compromissos em suas agendas. Entretanto, apesar da situação e do tempo serem desfavoráveis, Ana Cláudia aproveitou os períodos de folga das educadoras para concretizar esta etapa no processo da pesquisa.

Bom dia!

Terminei a última entrevista! Aproveitei os períodos vagos das educadoras. Foi difícil, haja vista o tempo que me restava para cumprir esta etapa, mas consegui!

Sobre os procedimentos no dia, penso em entregar cópias (contendo todas as entrevistas)

para todos os presentes, a fim de que todos possam ler atentamente cada contribuição, possibilitando, assim, o debate em torno dos questionamentos que fiz, bem como outros que surgirão. Ah, sobre o debate, proporei que seja feito um círculo com as classes, havendo uma interação entre os teóricos e as educadoras. O que você acha?

Só me resta, agora, esperar pela nossa viagem!

Abraço,

Ana Cláudia.

Bom dia Ana Cláudia,

Fiquei feliz que tenha finalizado as entrevistas. Sim, leve-as consigo (impressas para todos) na viagem e seria interessante que o círculo fosse feito.

Contatei os teóricos, todos confirmaram suas presenças. Encontramo-nos, então, dia 22 de maio, sexta-feira, às 7h.

Um abraço,

OLIVEIRA.

7h: continuemos nossa viagem!

- Bom dia, podem se acomodar em seus bancos – diz o motorista aos teóricos e à orientadora – Sejam bem-vindos, qualquer coisa que precisarem é só chamar!

- Muito obrigado senhor Luís! – os teóricos agradecem.

- Que nada, podem me chamar de Seu Lulu – ri o motorista.

- Agora, terei que percorrer a cidade de Santa Maria para buscar as educadoras.

- Gostaria de fazer uma pergunta ao senhor, qual é a localização de Dilermando de Aguiar? – pergunta a ORIENTADORA ao seu Lulu.

- O município de Dilermando de Aguiar está localizado no centro-ocidental do Estado do Rio Grande do Sul, a 350 km de Porto Alegre-RS, possui como municípios limítrofes Santa Maria, São Pedro do Sul, São Gabriel e Cacequi. Segundo dados de contagem populacional do IBGE (apresentados no site oficial deste município), publicados em 2007, a população total estimada é de 3.126 habitantes, sendo a população rural aproximada de 2.036 e a urbana de 1.090 habitantes. Dilermando de Aguiar era distrito de Santa Maria até 28 de Dezembro de 1995, data de sua emancipação. Ah, a senhora sabe como sei de todos estes dados? É que antes de viajar para as cidades, como é o meu trabalho, pesquiso sobre elas para ficar bem inteirado. –Seu Lulu ri, sacudindo os braços.

- O senhor faz muito bem! – sorri a ORIENTADORA – Muito obrigada pela informação!

- Sempre às ordens! Mas, agora eu perguntarei para a senhora, pois sou um senhor muito curioso – sorri Seu Lulu – Qual é o objetivo desta viagem que vocês estão fazendo?

- Minha orientanda busca investigar a relação da cultura visual no universo da Escola para qual estamos nos direcionando, especificamente, ela procura (1) pesquisar como as educadoras desta escola-núcleo percebem a cultura visual; bem como (2) investigar como as educadoras problematizam a relação entre os conteúdos das suas disciplinas e a cultura visual, nesta mesma escola;

- Me interessei pelo trabalho do (a)s senhore(a)s! – explana o motorista – Senhora, só mais uma perguntinha, a senhorita Ana Cláudia publicará esta pesquisa em alguma revista? É, porque eu gostaria muito de ler! – diz Seu Lulu.

- Sim, após a conclusão da pesquisa, ela, provavelmente, realizará comunicações, artigos e participará de seminários da área. Mas, o senhor não se

preocupe, que avisarei a Ana Cláudia para comunicar o senhor sobre alguma publicação que ela fizer.

- Ah, agradeço muito! – fala o motorista.

Após a presença de tod(a)s na van, Ana Cláudia volta-se para as educadoras e fala ao grupo:

- Bom dia a todos e todas. Como eu havia comunicado a vocês, eis os teóricos que visitarão nossa escola e que discutirão conosco sobre a cultura visual.

- Bom dia! – todos exclamam.

- Prazer! Sejam bem-vindos à escola. – diz Dirlene, a mais expansiva de todas. Modéstia à parte, vocês vão gostar, vão adorar a escola!

- Muito obrigada pela gentileza de vocês em nos convidar para conhecer a instituição escolar de todas vocês. – agradece OLIVEIRA, em nome de todos os convidados.

- Bem, antes de chegarmos à escola, gostaria de fazer uma breve apresentação sobre o funcionamento da mesma. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello (escola-núcleo) está fundada na localidade de São José da Porteirinha a, aproximadamente, 17km do centro deste município.

Nela estudam 336 educandos - das localidades denominadas “Grápia”, “Caixa D’Água”, “Rincão do Peludo”, “Sotéia”, dentre outras. -, ministram as aulas 22 educadores e três estagiários. Os dias letivos estão divididos conforme as *séries iniciais* (currículo por atividade/CA): terças e quintas-feiras, além de sábados; e as *séries finais* (currículo por disciplina/CD): segundas, quartas e sextas-feiras. Os educandos permanecem na escola, em uma carga horária de 8h/dia. É importante dizer que no CD nenhum dos educadores são de Dilermando de Aguiar/RS, todos são de Santa Maria/RS– apresenta Ana Cláudia.

– Seu Lulu, o senhor poderia colocar este cd e ligar o aparelho de DVD aqui de trás, para eu mostrar a foto da entrada da escola, para os nossos visitantes conhecerem previamente?!- pergunta a orientanda.

- Claro senhorita! – Um momento, farei uma intervenção aqui! Caro leitor, se você estiver interessado em conhecer melhor a história de Dilermando, vá até o ponto B e veja qual é a cor e a página no mapa. Se você, também, quiser compreender as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, vá até o mapa, no ponto C e veja qual é a cor e a página – sim, eu, o narrador, me dirigi a você agora!



Imagem 15. Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello (escola-núcleo). Localidade: São José da Porteirainha.
Fonte: <http://www.dilermandodeaguiar.rs.gov.br/index.php>

- Nossa, à primeira vista, a escola tem uma boa estrutura física! – exclama STHUR.

- Ah, não temos o que reclamar da estrutura física da escola. É muito bem cuidada por todos nós, professores, alunos, senhoras da limpeza, zelador, etc. – diz Simoni.

- Mas, explique algo que não entendi, por que os educandos não têm aula todos os dias?- pergunta MARTINS à Ana Cláudia.

- Pra responder à esta questão, terei que explicar o que são as escolas rurais, o que é a Pedagogia da Alternância, o que são as escolas-núcleo, etc. – diz a orientanda.

- Não tem problema, pelo visto ainda temos um logo trecho de estrada a percorrer! – sorri MARTINS.

- Bom, as escolas rurais são aquelas pertencentes à zona rural (geralmente, de difícil acesso) e que possuem como metodologia, a Pedagogia da Alternância, sendo esta a que mais se adéqua à realidade dos educandos do meio rural. De acordo com os *Cadernos Secad* (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação),

as escolas do campo são aquelas que têm sua sede no espaço geográfico classificado pelo IBGE como rural, assim como as identificadas com o campo, mesmo tendo sua sede em áreas consideradas urbanas. Essas últimas são assim consideradas porque atendem a populações de municípios cuja produção econômica, social e cultural está majoritariamente vinculada ao campo (2008, p.14).

São escolas, que de um modo geral, estão reformulando seus currículos, visando à implantação, não somente de disciplinas comuns a todo o território nacional, como também, daquelas que abranjam questões intrínsecas ao universo rural, conectando o currículo à cultura local. Em se tratando da E. M. E. F. Valentim Bastianello (escola-núcleo), algumas destas disciplinas já estão no currículo escolar, tais como Técnicas Agrícolas e Técnicas Comerciais.

As *escolas-núcleo*, por sua vez, são aquelas que reúnem em uma única instituição de ensino, dotadas de melhor infra-estrutura, escolas de pequeno porte, isoladas e precárias. Estas mesmas escolas possuem como metodologia a *Pedagogia da Alternância*, a qual se constitui de uma alternativa específica, visando, principalmente, a intervenção de problemáticas que abarcam a educação

formal dos educandos residentes em zona rural, a exemplo: visto que estes mesmos moram em localidades de difícil acesso para o transporte público escolar, os educandos despertam extremamente cedo, caminham demasiadamente até a parada mais próxima. Desta forma, há um desgaste físico destes no processo de aprendizagem. Fato notório é que os educandos, em sua grande maioria, auxiliam sua família na produção agropecuária, ocasionando, assim, faltas, dificuldades de acompanhamento do calendário tradicional das escolas e, em inúmeros casos, evasão escolar. Portanto, há o planejamento e a implementação de calendários escolares, nos quais os educandos freqüentam as aulas em dias alternados, permanecendo na escola dentro de uma carga horária de 8 horas ao dia. Uma alternativa específica que não prejudica os educandos, tanto no auxílio do sustento familiar, bem como nos seus processos de aprendizagem.

- Agora compreendi! – sorri, novamente MARTINS – Muito obrigado pela explicação!

- De nada! – retorna Ana Cláudia.

Prontamente, aproveitando o tempo restante, BREA propõe que as educadoras se apresentassem, falando sobre sua formação e tempo de trabalho na escola.

- Ai gente, posso começar?!

- Pode Dirlene! – todos lhe concedem a fala.

- Meu nome é Dirlene, fiz o Curso de Geografia – Licenciatura Plena (UFSM - Unifra, 2000 a 2004) e especialização em Gestão Escolar (Renascer de Santa Maria em parceria com a Universidade de Castelo Branco-RJ, 2006 a 2007). Eu leciono na escola Valentim Bastianello faz onze anos.

- Você leciona em alguma outra escola? – pergunta MIRZOEFF.

- Não.

- Me chamo Fátima, cursei Letras Licenciatura Plena – Português/Inglês/Literatura. (1977 a 1981) e fiz especialização em Gestão Escolar. Leciono há sete anos aqui no Valentim e na E.E.E.B. Tito Ferrari, em São Pedro do Sul/RS.

- Meu nome é Marília, fiz o Curso de Letras Licenciatura Plena – Português e Literatura Portuguesa (FUMBA – em Bagé/RS -, 1980 a 1984) e Especialização em Comunicação, Expressão e Cultura (também na FUMBA). Dou aula, somente, aqui na escola. Faz onze anos.

- Meu nome é Vera, sou Licenciada em Matemática, com habilitação em Física (Unifra, 1986 a 1991) – Licenciatura Plena . Fiz especialização em Gestão Escolar (Renascer de Santa Maria em parceria com a Universidade de Castelo Branco-RJ, 2003 a 2004). Leciono nesta escola há 12 anos e, também em outra, na Escola Estadual Luiz Guilherme do Prado Veppo, em Santa Maria/RS, há seis anos.

- Me chamo Denise, fiz licenciatura em História (FIC – atual Unifra -, 1990 a 1993), Especialização em História do Brasil (UFSM, 1994 a 1995) e Mestrado em Educação (UFSM, 2001 a 2003). Sou educadora do Valentim há onze anos e não trabalho em nenhuma outra escola.

- Meu nome é Simoni, fiz o curso de Ciências Físicas e Biológicas-Licenciatura Plena (UFSM, 1993 a 1996) e a Especialização em Educação Ambiental (Renascer de Santa Maria em parceria com a Universidade de Castelo Branco-RJ, 2006 a 2007). Faz nove anos que leciono no Valentim. Também, dou aula na Escola Municipal de Ensino Fundamental Alfredo Lenhardt, em Itaara. Fui nomeada há nove anos.

- Aproveitando que temos bastante tempo para conversar durante o trajeto até a escola, vocês poderiam relatar aos nossos convidados como vocês percebem o contexto sociocultural dos educandos da Escola Valentim Bastianello? – propõe Ana Cláudia ao grande grupo.

- Sem problemas – profere, calmamente, Simoni. - O contexto sociocultural é de um estilo rural, apesar de muitos terem perdido este amor à terra, às suas origens. Os nossos alunos estão inseridos no contexto da vida rural, em propriedades pequenas ou fazendas, na maioria como peões e capatazes. O vínculo com a terra, o gado, a vida rural é muito grande.

A maioria de nossos alunos tem uma renda baixa, o que faz com que muitos da família tenham que trabalhar para sustentar a casa. Muitos são empregados em fazendas, onde tiram o seu sustento. A maioria é proprietária de terras ou teve algum comércio. Outros, os pais trabalham em cidades vizinhas para sustentarem suas casas.

O nível cultural é baixo, muitas vezes sendo a escola, para muitos, o único acesso à cultura propriamente dita. Para muitos, não existe a esperança de mudar a sua vida, mesmo no lugar onde vivem, para melhor. Outros têm acesso a computador, etc., tendo um nível de vida melhor, mas estes são a minoria. Portanto, a escola é o único acesso que eles estão tendo para buscar uma vida melhor onde se abram os horizontes para o futuro – diz Simoni.

- A maioria dos meninos e meninas que estudam na Escola Valentim Bastianello são filhos de empregados que trabalham nas fazendas ou os pais possuem pequenas extensões de terras. Discordando da colega Simoni, a maioria deles valoriza as tradições gaúchas, parte deles também é de trabalhadores e muito da cultura deles se expressa nas suas falas – ressalva Denise.

- Eu já acho que há uma baixa-estima da maioria dos alunos. Não apresentam ser altos na vida; para a maioria deles saberem ler e contar é o suficiente. Para alguns, ter o Ensino Fundamental é tudo, pois nessa idade, chega o momento dos

namoros; é mais importante casar do que estudar. Vale lembrar que a maioria dos professores alerta seus alunos para os estudos – enfatiza Dirlene.

- Em geral, o contexto sociocultural dos alunos desta escola é restrito. Os alunos, em grande número, não têm oportunidades de sair e conhecer outros lugares, cinemas, assistir shows, acesso restrito a livros, revistas ou jornais. Sua cultura é rural com pais analfabetos, semi-analfabetos ou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Poucos saem, viajam, tem um poder econômico melhor e assim, acesso a outras culturas. – explicita Marília.

- Os alunos da E. M. E. F. Valentim Bastianello pertencem à zona rural de Dilermando de Aguiar e têm características individuais próprias, mas num parecer geral, comum à grande maioria, pode-se defini-los como dedicados, educados, afetuosos e com ótimo potencial de aprendizagem. Os alunos amam estar na escola (muitos deles não gostam de feriados!), pois a escola representa para eles não só o lugar para aprenderem Português, Matemática, Geografia..., mas, também, o local onde estabelecem amizades, onde não raras vezes, buscam soluções para os mais diversos conflitos. – relata Fátima e complementa:

- Nossos alunos vêm de famílias que valorizam costumes antigos, sendo o respeito um dos valores evidenciados. A escola não oferece apenas a aprendizagem dos conteúdos obrigatórios do ensino regular: aqui os alunos encontram a equipe de professores e direção também preocupada em complementar a educação familiar, impondo regras, limites e conscientizando-os dos perigos que o mundo oferece. Acredita-se que entre nossos alunos não há casos de drogas ou vícios. Entretanto, constata-se que alguns alunos apresentam conflitos que atingem de alguma maneira sua vida escolar (aprendizagem, assiduidade, disciplina). Atribui-se esses conflitos à história familiar de cada um deles, como famílias desestruturadas, pais ausentes, omissos, analfabetos, etc. ou à situação financeira em que vivem. Todo o tipo de adversidades vivenciadas por eles transparecem nas suas atitudes na escola, sendo que muitas vezes, eles procuram ajuda junto aos professores e/ou direção para solucioná-las. – conta Fátima.

- A E. M. E. F. Valentim Bastianello assemelha-se a uma grande família, onde prevalece a educação, o amor, a solidariedade e respeito entre todos os seres humanos que aqui convivem – conclui Fátima.

- Desde cedo os alunos necessitam ajudar seus familiares na lida doméstica, por isto o pouco tempo para estudar. A família, também, na grande maioria, não tem condições de ajudá-los, pois muitos não têm estudo e, também, estão desestruturados em função de bebida e separação. Apesar disso, os alunos são muito carinhosos e têm respeito com os professores.

No que se refere à minha didática, primeiro procuro fazer com que meus alunos gostem de mim, para depois gostarem da minha disciplina, pois eu acho que isto é importante para os alunos entenderem a Matemática, que é uma disciplina que muitos não entendem e não gostam – ratifica Vera.

- Tão logo comecei a lecionar na E. M. E. F. Valentim Bastianello, enfrentei dificuldades com grande parte da comunidade escolar, pois estavam habituados com a antiga metodologia de ensino da disciplina de Educação Artística. Assim, quando iniciei a introdução da arte contemporânea e de suas linguagens, alguns pais e educandos questionaram meu trabalho junto à direção e à secretaria de educação do município. Levou certo período de tempo até que eu conseguisse demonstrar os resultados de minhas ações, no sentido de que o trabalho exercido fosse respeitado.

Mas não me impressionei, pois sabia que, com o tempo, nossa relação melhoraria. E foi, justamente, o que aconteceu. Agora, superada aquela fase, nosso relacionamento se modificou: mal chego ao pátio, antes do sinal tocar para o primeiro período e os educandos já vêm me abraçar, contar acontecimentos e sentimentos particulares, saber sobre o que irão aprender na disciplina de Artes Visuais (na escola ainda se mantém o nome da disciplina como “Educação Artística”, mas em breve esta modificação será realizada). Concordo com a educadora Fátima quando ela disse que os educandos são, em sua grande maioria, “dedicados, educados, afetuosos”. Veja bem, não porque eles se referem a nós como senhor e senhora (às vezes, senhorita), mas sim, porque percebemos

o respeito que nos é endereçado por meio dos seus comportamentos, tais como gestos, palavras, abertura para se expressarem dentro e fora da sala de aula.

E como aprendo com eles – acerca do conteúdo (o que leram, viram ou ouviram), das relações interpessoais, da vida no campo! Seja na sala de aula, nos recreios, nas viagens de estudo! Embora eles ainda acreditem que educandos não ensinam educadores...

Não acredito que eles tenham “perdido este amor à terra, às suas origens” (como afirmou a educadora Simoni), pois, a meu ver, se são tradicionalistas ou não, não significa que não atribuam importância pela sua família, comunidade e/ou região. Como também não significa que “ter amor à terra” significa ser ou não bairrista.

Lembro da primeira vez que conheci algumas localidades nas quais os educandos residem. Voltei para casa triste, por saber da dificuldade financeira pela qual a maioria passa. Mas, alguém que me é próximo disse: “depende de que lugar e com que olhar você está percebendo a vida deles”. Esta frase foi e é muito importante para mim, pois passei a tentar me colocar no lugar do outro – claro que, plenamente, não teria como, pois passei por experiências e vivências, por vezes semelhantes e/ou distintas das outras pessoas -, no seu lugar de fala, nos seus valores e crenças.

Quando digo que os educandos são dedicados e esforçados, me refiro que, embora tenham que embarcar no ônibus de sua localidade, duas horas antes do início das aulas - e antes disto, alguns caminham quilômetros até as suas paradas - a maioria procura não faltar aula (mesmo com intempéries). A maioria dos educandos, além de estudar, trabalha “em propriedades pequenas ou fazendas, na maioria como peões e capatazes”, alguns são proprietários de terras “ou teve algum comércio”, sendo que em outros casos, “os pais trabalham em cidades vizinhas para sustentarem suas casas”- como disse a educadora Simoni –, “são filhos de empregados que trabalham nas fazendas ou os pais possuem pequenas extensões de terras” – como discorreu a educadora Denise -. Além disso, a

maioria dos educandos auxilia seus familiares no seu sustento, seja nos afazeres domésticos, seja no trabalho em suas pequenas propriedades de terras.

Sobre os conflitos familiares e pessoais, quem já não os teve? Acredito ser muito complicado relacionar os problemas de aprendizagem, com estas dificuldades de ordem particular, como sendo características específicas do meio rural.

Concernente à aprendizagem dos educandos de escola rural, MOREIRA (2009, pp. 1-2) afirma que

A cultura popular sempre esteve ausente dos currículos escolares, pois eles reafirmam a superioridade de uma cultura erudita, associada a uma determinada classe social. Em decorrência disso, os conhecimentos, valores e práticas dos alunos são, em geral, ignorados pela educação escolar. Este problema é mais contundente nas escolas situadas na zona rural, dado o distanciamento entre a cultura urbana dos professores e a cultura rural dos alunos.

Em nossa escola, embora muitos educadores sejam de Santa Maria (apenas quatro são de outras cidades da região), percebo um grande esforço, por parte dos educadores, de elaborar planos de aula que contemplem o cotidiano dos alunos.

- Bom, aqui estamos realizando uma introdução, a fim de que tenhamos uma idéia, mesmo que inicial, dos seus olhares em relação à vida e à aprendizagem dos educandos. Mais a frente, trataremos/abordaremos/problematizaremos/discutiremos alguns momentos de suas falas que serão importantes para esta pesquisa – afirma OLIVEIRA.

A VAN É SEMINOVA, MAS JÁ PERCORREU 20.000 km

• Precedentes do Estudo no Campo

Depois de chegarem à escola e de serem recepcionados pela direção e funcionários, a ORIENTADORA propõe uma caminhada pelo espaço do Valentim, a fim de um reconhecimento do local.

Após conhecerem a estrutura da mesma, escolhem uma sala de aula para a discussão da pesquisa. Ao entrarem na sala, todos os presentes se posicionam no formato de um círculo, havendo uma integração entre teóricos, pesquisadora, orientadora e educadoras; todos ficam intercalados. Ana Cláudia inicia a discussão introduzindo os precedentes do estudo da cultura visual:

- Neste final de século, discute-se muito acerca da crise de identidade do sujeito. O homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e focalizada no mundo social e cultural. Mas uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, e nacionalidade. Se antes estas identidades eram consistentes localizações sociais, atualmente, elas se encontram com fronteiras cada vez menos definidas, o que provoca no indivíduo uma crise de identidade.

Stuart Hall (2003) em seu livro intitulado “A identidade cultural na pós-modernidade”, distingue as três concepções de identidade existentes. Apresenta, primeiramente, a identidade do sujeito do Iluminismo, a qual era centrada, unificada e inata, permanecendo essencialmente a mesma com o passar da vida. O sujeito do Iluminismo (sujeito-da-razão) era centrado na imagem do homem racional (de consciência e ação), situado no centro do conhecimento (científico), de pensamento cartesiano.

Segundo Hall (2003), a segunda identidade descrita foi a do sujeito sociológico, a qual era formada pela interação entre o *Eu* e a sociedade. Era formada através do diálogo entre o Interior (mundo pessoal) e o Exterior (mundo público). Assim, este diálogo estabilizava tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitavam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e

predizíveis. Esta concepção da identidade do sujeito sociológico proveio quando as sociedades modernas se tornaram mais complexas, adquirindo uma forma mais coletiva e social. Conseqüentemente, houve a criação de estruturas de estado-nação e a formação das grandes massas.

Por fim, a identidade do sujeito pós-moderno está se tornando fragmentada, composta não de uma única, mas de várias identidades. Algumas destas contraditórias ou não-resolvidas. Consoante a ótica de Hall, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e permutante de identidades possíveis. O deslocamento dos indivíduos e suas identidades estão presentes no mundo social e cultural e em si mesmos (mundo particular).

Outro fator muito significativo apontado, foi o impacto da globalização sobre as identidades culturais nacionais. Inicialmente, o autor ressalta (como um primeiro fator a ser considerado) que as culturas nacionais são uma das primeiras fontes de identidade cultural, sendo esta uma “comunidade imaginada”, pois é constituída de memórias do passado (muitas vezes idealizadas), o desejo por viver em conjunto, a perpetuação da herança.

No entanto, a identidade cultural nacional é também provinda de uma estrutura de poder cultural hegemônico, pela supressão forçada da diferença cultural. Assim, não pode ser vista como unificada, mas como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. O segundo fator importante é que as nações pós-modernas são todas híbridas culturais, uma vez que estas não são compostas por apenas uma única cultura ou etnia. Deste modo, a pós-modernidade se caracteriza pela crise de paradigmas, de referenciais. O homem pós-moderno busca sua afirmação enquanto indivíduo, face à globalização da economia e das comunicações.

Segundo Guy Debord (1997) esta busca da afirmação do homem e a crise de paradigmas têm seus cernes na imersão da sociedade moderna no processo e na atmosfera capitalista, na medida em que houve o processo de degradação do *ser em ter*, e do *ter ao parecer*, sendo que este último tornou-se *ser*. Sendo assim,

Debord (1997, p.13) afirma que, de um modo geral, a sociedade moderna e, por conseguinte, a pós-moderna “prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser [...]”. Deste modo, há o processo de inversão destas relações que se dão nas sociedades moderna e pós-moderna capitalista e que extrapolam por meio das imagens. Torna-se evidente que a inversão destas relações ocorre por meio da mediação das imagens sobre a vida social.

Tratando-se do campo da educação e da visualidade, inúmeros fatores estão implicados para que os educandos compreendam e interpretem as imagens do cotidiano.

Neste importante papel do educador como mediador da aprendizagem, a cultura visual compõe-se de um importante objeto de estudo...

- Desculpe, mas tenho que fazer uma complementação – diz DIAS -, pois “é evidente que desenvolver novas abordagens analíticas sobre os modos de ver é, atualmente, uma ação importante e um desafio crucial para a maioria das disciplinas acadêmicas” – afirma DIAS (2008, p. 37) ao grande grupo.

- Concordo com você. Por isto, ao entrar em contato com o pensamento de autores, dos teóricos que estão aqui hoje, como Efland; Freedman e Stuhr (2003); Freedman (2006); Hernández (2000; 2006; 2007; 2008); Mirzoeff (2003); Brea (2005); Martins (2008) e Dias (2008) percebo, por conseguinte, a importância da discussão da cultura visual nos currículos, da presença desta relação nos planejamentos de ensino, e finalmente a relevância das imagens e as interpretações das representações visuais.

Enquanto Ana Cláudia fala, OLIVEIRA distribui as cópias das entrevistas para cada presente na sala.

- Nesta primeira etapa, proponho que vocês educadoras, leiam, em voz alta, o que responderam a mim, quando realizei as entrevistas individuais. Estes questionamentos buscaram responder às questões desta pesquisa, como qual a concepção que vocês (educadoras) possuem sobre cultura visual e como vocês

(educadoras) propõem a relação entre os conteúdos das suas disciplinas e a cultura visual, lecionando nesta escola. Assim, a partir das suas falas, introduzirei elementos do campo “cultura visual” e, enquanto isto, sintam-se à vontade, teóricos, educadoras e minha orientadora, para fazer questionamentos, colocar seus posicionamentos e reflexões – fala Ana Cláudia – todos têm a folha que minha orientadora acabou de entregar?

- Sim!

- Quem poderia começar, lendo e respondendo a primeira questão?

- Pode ser eu. A questão é: “O que seria ‘cultura visual’ para você?” – lê a educadora Simoni. – Eu respondi que Cultura é conhecimento que a gente tem por alguma coisa. Visual é quando a gente vê uma imagem e tem que tirar dela alguma coisa, algum conhecimento. Tem que entender o que a imagem está te passando, porque, às vezes, uma imagem te diz muito mais do que a parte verbalizada, uma conversa.

- Você falou sobre as duas palavras separadas. Gostaria de saber sobre a expressão ‘cultura visual’... – indaga OLIVEIRA.

- Cultura visual é o conhecimento através de figuras, de imagens, através de fotos. É que às vezes a gente nem percebe que está falando, trabalhando com cultura visual. A gente trabalha bastante na área de Ciências com esta parte, porque a gente trabalha, mas não se percebe toda a parte visual que tem ali, que está ali inserido, no conteúdo – responde Simoni.

- Seria a imagem através da visualização, tais como: gravuras, fotos, escritas de palavras, gráficos, etc. – afirma Dirlene.

- É tudo aquilo que observo, que visualizo, que imagino. – prontamente, diz Vera.

- É tudo que aprendemos apenas visualizando, desde o dia que nascemos. – ratifica Marília.

- É o uso de imagens (gravuras, filmes, objetos, etc), usadas como recursos no ensino e na aprendizagem dos conteúdos teóricos. - pronuncia Fátima.

- Eu respondi que, se alguns povos não usam a mesa para fazer suas refeições e outros usam, então posso dizer que cultura visual não é só que vejo, mas a forma como as pessoas em determinados lugares, sociedades e contextos organizam seus ambientes e como valorizam os objetos, materiais, suas expressões e gestos, sua fala manifesta na escrita... – ressalva Denise.

- Bem, vamos trazer a fala de todas para a discussão. – anuncia Ana Cláudia - Simoni tratou de cultura como um sinônimo, unicamente, de conhecimento, como podemos perceber por meio de suas palavras “muitas vezes sendo a escola, para muitos, o único acesso à cultura propriamente dita”. Mas, o que é “cultura propriamente dita”? A escola é “o único acesso à cultura”? É importante ressaltar e refletir acerca disto, pois todos nós, algum dia, confundimos estas duas palavras.

É muito comum ouvirmos “aquele ali não tem cultura”, mas todos nós fazemos parte de uma! Cultura está muito atrelada, nas concepções da maioria da população, ao estudo, formação escolar. Algumas vezes, refere-se à cultura, apenas, às categorias da arte, tais como Artes Visuais, Música, Artes Cênicas, dentre outras. Por vezes, está associada ao conhecimento das novas mídias, dentre elas, a internet.

Na minha concepção, cultura é uma dimensão dinâmica e histórica do processo da vida de um determinado grupo, sociedade ou nação, referindo-se às suas concepções, práticas religiosas, lendas, crenças, costumes e tradições, produções e formas de atuação e organização, sendo, enfim, uma construção coletiva e dinâmica (em constante transformação) da vida social.

Seria interessante evitarmos tratar a cultura segundo polarizações, tais como “cultura popular” e “cultura erudita”, ou “alta cultura” e “baixa cultura” – como disse a educadora Simoni que “O nível cultural é baixo” -, ou ainda “cultura maior” e “cultura menor” - como a educadora Marília afirmou “o contexto sociocultural dos alunos desta escola é restrito”... Mas, restrito a partir de que olhar e lugar de fala?

Existe contexto sociocultural restrito? -, ou “cultura urbana” e “cultura rural” – como disse a educadora Marília que “sua cultura é rural com pais analfabetos, semi-analfabetos ou até a 5ª série do Ensino Fundamental”. Existe uma forma, um modelo no qual se encaixaria o que é “cultura rural” e o que é “cultura urbana”?- pois esta sectarização apenas reforçaria e legitimaria a camada predominante ou elitizada, a “cultura erudita”, do grupo de uma sociedade. Note que seria preocupação da chamada “cultura erudita”, esta sectarização e a classificação da chamada “cultura popular”, visando sua legitimação – aponta Ana Cláudia.

- Algo mais: foi interessante você perguntar para Simoni o que é para ela a expressão, como um todo, pois a expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações [...] em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. Desse ponto de vista, [...] estou falando do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intra-subjetivas de ver o mundo e a si mesmo – explana HERNÁNDEZ (2007, p.22) e continua: - Concordo com Mirzoeff (2003) que [...] a “cultura visual” é [...] um espaço pós-disciplinar de investigação e não uma determinada coleção de textos visuais, [...] o que nos leva a colocar a “subjetividade” na centralidade do projeto da cultura visual (2007, p.18).

- A cultura visual pode ser pensada como um conteúdo cultural subjetivado por apresentar-se como um campo interdisciplinar, ou seja, um lugar de convergência e turbulência, com zonas de conflito, com momentos de rupturas, mas também de diálogos – discorre OLIVEIRA (2009).

- E quando a educadora Simoni diz que “Cultura visual é o conhecimento através de figuras, de imagens, através de fotos”, ‘é quando a gente vê uma imagem e tem que tirar dela alguma coisa, algum conhecimento”. E quando a educadora Marília explicita que “é tudo que aprendemos apenas visualizando, desde o dia que nascemos”, percebo aqui que elas compreendem que este é um campo do conhecimento, mesmo que, às vezes elas não percebam que estão “falando, trabalhando com cultura visual” (como nas palavras de Simoni). Notem Vera e Dirlene que cultura visual é o que observamos, mas, não somente isto: ela busca compreender e interpretar não todas as imagens que imaginamos ou visualizamos e, sim, aquelas que se encontram e apresentam um papel

importante na vida da cultura da qual fazem parte. Observe Simoni, que frente à imagem, não precisamos nos deter em “tirar” ou traduzir seu significado, tal qual ela foi produzida, mas o que ela nos diz, que relações nós podemos fazer entre ela e a nossa vida. – pondera Ana Cláudia

- No que diz respeito à “cultura visual”, este é um campo transdisciplinar ou pós-disciplinar, a cultura visual se caracteriza como espaço conceitual de convergência que congrega discussões sobre diversos aspectos da visualidade buscando fomentar e responder questões que se entrecruzam a partir de campos de estudo como a história da arte, a estética, a teoria fílmica, os estudos culturais, a literatura e a antropologia. [...] a cultura visual aborda e discute a imagem a partir de outra perspectiva, considerando-a não apenas em termos do seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura. – discorre Martins (2008, pp. 29-30) acerca deste campo do saber.

- E foi, justamente, o que a educadora Denise mencionou: “se alguns povos não usam a mesa para fazer suas refeições e outros usam, então posso dizer que cultura visual não é só o que vejo, mas a forma como as pessoas em determinados lugares, sociedades e contextos organizam seus ambientes e como valorizam os objetos, materiais, suas expressões e gestos, sua fala manifesta na escrita”. Na fala dela, percebe-se que a educadora compreende que a cultura visual trata da imagem, abrangendo seu valor estético e, sobretudo, busca compreender o lugar que ela ocupa no seio da cultura – elucida Ana Cláudia.

- Posso perguntar algo a você? – indaga Denise, sorridente, à Ana Cláudia - “O que seria ‘cultura visual’ para você?”. Todos na sala riem.

- Compreendo que este é um campo transdisciplinar que abrange diversas áreas concernentes ao sistema de interpretação de cada cultura. Áreas estas que abarcam discussões sob o prisma da visualidade, podendo ser mencionadas as imagens multimidiáticas – televisão, internet, livros, jornais, revistas, publicidade e propaganda, dentre outras -, artes visuais, imagens do cinema, como exemplos de imagens da cultura visual. Por conseguinte, a problematização dos educadores, acerca deste campo, se articula da provocação de investigações e discussões transdisciplinares de conteúdos transversais, contribuindo, assim, para a construção deste conhecimento.

- Portanto, a cultura visual estuda e investiga a imagem como via de acesso ao conhecimento, como experiência que realça realidades que de outro modo passariam despercebidas. – MARTINS (2007, p. 33) conclui.

- Mais uma pergunta – anuncia Marília – quando surgiu o estudo deste campo aqui, no nosso país?

- A cultura visual, a qual pesquisa a construção cotidiana e social da experiência visual, emergiu, no Brasil, de estudos a partir dos anos noventa, recusando separações entre “cultura visual maior” e “cultura visual menor” - ou seja, não é hierárquica -, convergindo sua atenção e importância às instituições de representações visuais (anteriormente mencionadas). Representações visuais fontes de produção e veiculação de interpretações construídos no decorrer de fatos sociais e históricos. – diz Ana Cláudia.

- Se me permite, faltou dizer que uma das proposições fundamentais da cultura visual é a de discutir e cogitar sobre a “relevância que as representações visuais e as práticas culturais têm dado ao ‘olhar’ em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 27), buscando, por meio disto, considerar o importante papel da reflexão e da problematização da imagem como componente da produção cultural. – elucida HERNÁNDEZ.

- Muito obrigada HERNÁNDEZ pela sua contribuição! – exclamou Ana Cláudia.

- Sim, mas desculpe a minha intromissão – diz Denise – Nós não estudamos este conteúdo na faculdade, nem ouvimos falar sobre ele antes...

- Concordo com você Denise. Embora concebamos a cultura visual como um campo de estudo recente no Brasil, desde o início dos anos sessenta pesquisas têm sido socializadas, nos Estados Unidos, abordando a relação entre educação das artes visuais, cultura popular, imagens multimidiáticas e teoria social. Pesquisadores norte-americanos, na linha de artes visuais, tais como Vincent Lanier (1966), June King McFee (1961) e Laura Chapman (1967) (*apud* TAVIN, 2008), instigaram docentes a desconstruir paradigmas pautados nos meta-relatos sobre artes visuais e cultura. Todos ratificaram a necessidade de reformas

pedagógicas que visem romper com a ótica hierárquica de alguns educadores, os quais ignoram a importância de discutir cultura visual em suas disciplinas (TAVIN, 2008).

Lanier (1966) (*apud* TAVIN, 2008) foi um dos precursores da inclusão da cultura popular na educação das artes visuais nos Estados Unidos, como caminho para transformações sociais. Durante as décadas de 70 e 80, Lanier formulou um currículo voltado para os interesses dos educandos, visando à educação do olhar destes para/com a sociedade. Incluso neste currículo estavam estudos de filmes, imagens televisivas, imagens em revistas, de design gráfico em propagandas e embalagens, design de vestuário e de interiores, lugares públicos, dentre outros. O referido teórico acreditava que os educadores poderiam abordar questões sociais presentes no cotidiano dos educandos, como guerra, raça, pobreza, sexo e drogas. Segundo ele, através do estudo da cultura popular, os educandos poderiam construir uma contraponto à uma passividade que poderia subjugar-los.

No início dos anos sessenta, McFee (1961) (*apud* TAVIN, 2008) elencando determinadas áreas da cultura popular e de massa, incluindo o território urbano, discorreu sobre a relevância destes para aprendizagem dos educandos. Sua investigação abriu horizontes às áreas de estudo da cultura visual, bem como das artes visuais, ao conclamar pela formação de educadores por meio de interlocuções de especialistas de variadas áreas. Preconizou, assim, o discurso acerca da transdisciplinaridade na cultura visual. (TAVIN, 2008).

Assim como Lanier (1966), Chapman (1967) (*apud* TAVIN, 2008) realizou orientações curriculares, ao propor que na formação dos educadores, estariam presentes inter/trans/cruzamentos entre cultura visual e artes visuais, sob visões plurais de suas interpretações, não se fixando, somente, em conteúdos das artes visuais.

A cultura visual tem sua gênese a partir da ressonância de diferentes disciplinas, desde a sociologia, a antropologia, a filosofia, os estudos culturais e feministas e a história cultural da arte. Em se tratando deste campo de estudo e de suas plurais e aproximadas definições, encontramos teóricos como, por exemplo, Norman William Bryson (Escócia), Patrício Keith Moxey (Estados

Unidos) e Michael Ann Holly (Inglaterra), os quais tratam de questões acerca da visualidade das imagens; na França e na Alemanha, teoria da imagem ou ciência da imagem. Ian Heywood (Inglaterra) e Barry Sandywell (Inglaterra) apontam para a hermenêutica da experiência visual. Chris Jenks (Inglaterra) articula cultura visual como visualidade e John Bird (Inglaterra) a determina como uma análise materialista da arte (*apud* HERNÁNDEZ, 2006).

Partilho tanto da vertente surgida nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, a qual se refere à cultura visual ou estudos visuais, como também da referência desta à visualidade como “prática política e cultural” (BREA, 2005, p.9) e às táticas de resistência da pós-contemporaneidade, partindo da perspectiva do visualizador, ou consumidor das imagens.

A cultura visual é um campo transdisciplinar que pode ser compreendido como parte da experiência humana: um dos principais objetivos dos educadores seria o de problematizar a construção do conhecimento acerca da significativa capacidade de “sedução” da cultura visual, de modo que instigue os educandos a se perceberem como parte desta e que suas interpretações sobre a cultura visual poderá revelar-lhes representações sobre suas próprias realidades e diferentes formas de pensamentos sobre estas realidades. Pois, as informações, provenientes das imagens da cultura visual, são formadoras de valores, e são muitas vezes, regidas pela sociedade de consumo.

- Assim, a perspectiva da cultura visual – a qual possibilita questionamentos e problematizações passíveis de serem abordados nas demais áreas da Educação – provoca os educandos a [...] tornarem-se produtores ativos da cultura – DIAS (2008, p.39) complementa as palavras de Ana Cláudia.

E a orientanda continua: - Pois, a educação da cultura visual propõe a discussão da multiplicidade de olhares do educando, buscando desenvolver variadas formas de ver, de interpretar as imagens presentes em seu meio, em sua cultura.

Deste modo, esta contribuição produz reflexões acerca das experiências simbólicas, das interpretações individuais e coletivas, ao serem estas mesmas

imagens (das artes visuais, bem como da cultura visual como um todo) relacionadas com o contexto sociocultural dos educandos, por se tratar de formas interlocutoras entre seus imaginários sociais e individuais, e da cultura da qual fazem parte.

No que tange à intervenção feita pelo educador quanto aos modos de ver, as discussões entorno das mesmas são inerentes à história do discurso de diversos profissionais envolvidos, tais como artistas, outros educadores, críticos, mídia, educandos, dentre outros.

- Destarte, importante a compreensão dos educandos ao longo do espaço e do tempo, relacionando com aspectos socioculturais que implicaram naquelas construções de pensamentos, pois as imagens estão relacionadas com o conhecimento prévio, estão integradas com outras imagens criadas por outras pessoas, e são recuperadas com diversos objetivos, incluindo o objetivo de interpretar e criar novas imagens – explica FREEDMAN (2006, pp. 28-29).

- Então, a partir do que vocês ouviram sobre a problematização das imagens, gostaria de saber qual é o pensamento de vocês acerca da última pergunta. Quem nos faz a gentileza de ler? – pergunta Ana Cláudia.

- Eu gostaria. – afirma Marília – A pergunta é: Qual o papel do educador no processo de discutir a imagem? Que relação você estabeleceria entre cultura visual e a sua disciplina? Qual é a implicação da relação cultura visual/conteúdo da sua disciplina na construção de conhecimento do educando de escola rural? Que relações poderiam ter estas imagens que você escolheu com as imagens que eu trouxe?

Complexas estas perguntas?! – exclamou a educadora Marília - Eu respondi que implica que a primeira leitura na zona urbana é mais presente, pois os alunos convivem com muitas imagens, e que na zona rural os convívios visuais para a alfabetização são menores. Existe muita relação entre a cultura visual e a minha disciplina (Português), pois muitas leituras começam apenas com o visual, quando as crianças ainda não sabem ler um texto, elas conseguem identificar, no início, pelo visual. Por isso, que eu acho que o papel do professor é discutir

mesmo: de explorar os conhecimentos visuais individuais de cada educando. Por exemplo, utilizei nas Séries Iniciais (Ensino Fundamental) esta imagem:



Imagem 16. Fonte: arquivo da educadora.

Quando eu trabalhei com esta imagem, perguntei de que falam esses textos, em que meio de comunicação esse tipo de propaganda pode aparecer, que os alunos encontrassem em cada texto a frase que fala algo sobre a marca e que, depois de responderem estas perguntas, sentassem em grupos e conversassem com os colegas se as cores, os diferentes tipos e tamanhos das letras usadas nos anúncios publicitários são importantes e por quê. O objetivo deste trabalho foi que os alunos percebessem que os *slogans*, as cores e os tipos de letras são utilizados pela publicidade para chamar a atenção do consumidor. Como eu tinha falado antes, muitas leituras começam apenas com o visual, no início, as crianças não sabem ler um texto, mas identificam só pelo visual, por já terem contato antes.

Outra que trabalhei foi esta:

A Folha está trazendo *As Melhores Histórias de Todos os Tempos*. São 10 livros e 10 CDs com as melhores histórias infantis para seus filhos colarem, manusear e brincar. *Branca de Neve, João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, O Mico de Oz, A Bela Adormecida, O Roupeiro do Imperador, Os Três Porquinhos, Rapunzel, Aladin, A Sereiazinha, Soldadinho de Chumbo, O Gato de Botas, Os Sete Cães, O Estranho Feto, Dom Quixote* e muito mais. Compre a Folha todo sábado e com mais R\$ 6,90, leve para casa um livro e um CD com duas histórias. E ainda ganhe de presente duas imagens super-úteis por semana. *As Melhores Histórias de Todos os Tempos*. As histórias que alegraram a sua infância agora vão alegrar a infância dos seus filhos.

abcdefghijklmnopqrstuvxz

Ajude seu filho a gostar desses pequenos monstros.

As Melhores Histórias de Todos os Tempos. 10 livros e 10 CDs para ler, ouvir, colecionar e brincar.

Leve grátis um CD e duas imagens toda semana.

O Gato de Botas e Os Sete Cães. Págs. 272 na Grande São Paulo.

Folha + R\$ 6,90* = livro + CD. Todo sábado na Grande São Paulo. **FOLHA** folha só para maior ler

REPRODUÇÃO

Imagem 17. Fonte: arquivo da educadora.

Sobre esta imagem, perguntei aos alunos de que produto é o anúncio, o que mais chamou a atenção deles no anúncio, para quem o anúncio é dirigido e qual é o objetivo do jornal ao realizar essa promoção. Eles perceberam que a imagem e o texto se completam para traduzir a mensagem que ela traz. Mas, para alguns alunos, o que chamou mais a atenção foi a imagem e, para alguns, o texto. Também compreenderam que o objetivo do jornal com esta promoção é fazer com que as pessoas comprem mais jornais.

Agora, falando sobre as imagens que você trouxe, a imagem 02 (RBD), já foi feito projetos de aulas de Espanhol no auge do programa do grupo “Rebeldes”.

Foi produtivo e gratificante o interesse dos alunos participantes do projeto junto com a professora de Português da época, porque os alunos se interessaram em aprender.

- Só para refletir... Por que será que, como você disse, o projeto “foi produtivo” e “os alunos se interessaram em aprender”? – pergunta Ana Cláudia.

- Porque, a professora da época trabalhou com a novela que eles gostavam! – explicou Marília.

- Algo a ser pensado... – pondera Ana Cláudia – Mas, continue Marília!

- Sobre a imagem 03 (High School Musical), pela imagem, acredito que os alunos iriam gostar de assistir ao filme. Poderia assistir com os alunos e explorar a linguagem verbal dos jovens, comparando com a dos alunos da escola.

Já as imagens 04 (Fresno) e 05 (NXZero), não conheço.

A imagem 07 (Tihuana)... Os jovens podem gostar da banda, de como se vestem e se posiciona. As imagens 08 (Tropa de Elite – trilha sonora) e 09 (Tropa de Elite – filme), influenciaram muito os jovens com seu visual, palavreado e música.

A imagem 06 (Calcinha Preta)... As músicas são contagiantes e Influenciam os jovens com seu jeito descontraído.

Sobre a imagem 10 (Revista Globo Rural), os alunos nossos são rurais e gostam muito desta revista. Eles costumam se mostrar muito interessados pelos assuntos tratados nas revistas, pois vem ao encontro com sua cultura. Assim como a imagem 11 (Tchê Garotos), porque são músicas que falam de coisas rurais. Tem tudo a ver com sua vivência – afirma Marília.

Sobre a imagem12 (A Era do Gelo 2), os alunos adoraram o filme. Colorido, diálogo, tudo maravilhoso. Trabalha-se amizade, diferença, companheirismo, solidão...

Nas imagens13 (Rodeio Crioulo I) e 14 (Rodeio Crioulo II) tem tudo que os alunos gostam. Faz parte da vida deles. Os alunos vivenciam laço e rodeio no seu dia-a-dia. Dá para explorar muito na sala de aula, porque tem a ver com a vida deles, tem como fazer uma comparação com o conteúdo do Português.

Acho que as suas imagens têm relação com as minhas, porque, como eu lhe disse, as imagens das propagandas, dos rótulos dos produtos, dos filmes, das marcas, dos rodeios, são as primeiras que os alunos reconhecem, mesmo quando ainda não sabem ler...porque fazem parte da cotidiano deles, da vida deles.

- Muito obrigada Marília pela sua contribuição. – agradece Ana Cláudia – Quem gostaria de continuar?

- Eu aqui! – Simoni (educadora de Ciências) levantou a mão - É que muitas vezes, como eu falei lá no início, a imagem visual 'transmite' muito mais do que a parte teórica que tem ali. Por exemplo, você está falando da poluição, tudo, mas se você coloca uma imagem mostrando tudo o que está acontecendo, a fumaça, as pessoas colocando o lixo no chão, as indústrias, a fuligem no ar, os rios sendo poluídos, chama muito mais a atenção dos alunos do que você apenas falar sobre o assunto. Ou se você leva eles para ver o rio, ficará muito mais 'gravado' do que ler um texto, por exemplo. Eles verem isto acontecendo, não é? Eles vão ficar com aquela imagem. Acho que chama muito mais a atenção.

Eu acho que o educador deve ser o mediador, tem que fazer com que o aluno, assim... Mostrando para o aluno uma imagem e fazendo com que ele fale o que representa para ele aquela imagem.

Seria trazendo imagem, causando impacto nos alunos. Pois, quanto mais impacto a imagem causar, maior vai ser o efeito, a resposta do aluno, vamos dizer assim, quem sabe... Eu acho que você está pensando o que a imagem vai trazer

como resultado... Eu acho que para o aluno vivenciar o que está acontecendo... Como a poluição, a água, vários exemplos, sendo uma coisa do local onde ele vive e, não algo distante dele. Assim, acho que isto vai levar ele a refletir e a mudar... A não fazer a mesma coisa que alguém já fez... Para ele viver melhor, ter uma qualidade de vida melhor - dele e dos demais (família, comunidade, município) - através da imagem do rio, por exemplo, ele começará a formar a consciência de que isto é errado e de que ele tem que fazer e mostrar aos demais o que é correto...por exemplo, não poluir, não jogar lixo, etc.

Vou te dar exemplos. Dois filmes que eu mostrei este ano: "Vida de Inseto" e "Bee Movie: a vida das abelhas".



Imagem 18. Filme 'Vida de Inseto', Estados Unidos.
Fonte: <http://www.portalvmmnet.kit.net/Capasdvd.htm>

O filme "Vida de Inseto", os objetivos de mostrar este filme... Primeiro foi a organização das formigas, segundo assim, mostrar a importância das formigas para o meio ambiente e a importância delas na cadeia alimentar. O conteúdo era relações entre os seres vivos.

Curioso STHUR pergunta: - Como você realizou a relação do conteúdo da sua disciplina com este filme?

- Antes do filme eles estudaram o conteúdo, depois assistiram o filme. Eles fizeram um relatório do filme, contando o que aprenderam, qual a mensagem que o filme trouxe para eles.

E FREEDMAN continua: - E como você percebeu estas relações por parte dos educandos?

- Eu senti que chamou atenção deles, eles gostaram, porque a imagem é bem colorida, mostra bem a imagem do formigueiro. Para muitos deles, eles conseguiram 'passar' para o papel 'o verdadeiro' sentido, a 'mensagem' do filme. Que tu vê que eles entenderam e relacionaram com o conteúdo. Eu não tenho mais estes trabalhos, porque foi no primeiro trimestre, já devolvi para eles.

DIAS questiona: - Este trabalho foi em grupo ou individual?

- Foi individual. Já o filme "Bee Movie: a vida das abelhas", os objetivos de mostrar foi a organização das abelhas, a importância das abelhas, que são seres muito mais organizados que os seres humanos. Até neste filme os seres humanos foram no tribunal, os seres humanos e as abelhas...assim, defendendo o seus lados, suas idéias. Os seres humanos queriam exterminar as abelhas, mas as abelhas ganharam no final. Mas, também os seres humanos se conscientizaram de que teriam que viver bem com as abelhas, na cadeia alimentar. E eles conseguem viver muito bem em harmonia. É o mesmo conteúdo do filme anterior. A maioria entendeu, relacionou com o conteúdo e a minoria não. Pedi um relatório, uma redação. Cada um entregou a sua redação. Também foi um trabalho individual. Tinha que ter a 'mensagem' do filme. Que nem o outro filme, muitos deles conseguiram 'passar' para o papel 'o verdadeiro' sentido, a 'mensagem' do filme. Que tu vê que eles entenderam e relacionaram com o conteúdo.



Imagem 19. Filme 'Bee Movie', Estados Unidos.
Fonte: http://www.impawards.com/2007/bee_movie_ver3.html

Sobre os alunos de escola rural, eu acho que assim, eles conhecerem o meio em que eles vivem... Como aqui é o meio rural, se eles conhecerem o meio que eles vivem, eles vão ter um cuidado maior no meio que eles vivem. Se tiver um rio poluído, eles vão cuidar muito mais do ambiente onde eles vivem.

As imagens escolhidas por mim não têm relação, na minha opinião, com a imagem 02 (RBD), pois nas minhas imagens eu quis mostrar a relação ecológica dos insetos na natureza e a preservação ambiental. O RBD é um grupo musical que fez e faz sucesso por sua música jovem. Não vejo muita relação com o contexto sociocultural de nossos alunos. A relação que teria, seria pelo grupo ser jovem, "rebeldes". Relação esta com a adolescência, e cada menino ou menina se espelhar um pouco no grupo e pela animação de suas músicas. O que não combina com o contexto de nossos alunos é o estilo musical. Eu vejo nossos alunos, por viverem a maioria no campo e por serem gaúchos, muito mais voltados à música gaúcha, tradicionalista e sertaneja.

As imagens 03 (High School Musical), 04 (Fresno), 05 (NXZero), 07(Tihuana), 08 (Tropa de Elite – trilha sonora) e 09 (Tropa de Elite – filme) desconheço, não podendo fazer nenhuma relação.

A imagem 06 (Calcinha Preta) não vejo nenhuma relação com as minhas imagens e disciplina, e o contexto em que nossos alunos estão inseridos. É um estilo musical que não combina com nossa escola e a realidade de nossos alunos. Esse estilo musical tem uma aceitação maior nas grandes cidades e por um público não tão jovem.

A imagem 10 (Revista Globo Rural) tem tudo a ver com minhas imagens e disciplina, inclusive, está inserida no contexto de nossos alunos. As minhas imagens discorrem sobre como é a vida dos insetos, a parte ecológica, a preservação ambiental e o consumo sustentável.

A imagem 10 (Revista Globo Rural) traz isso, ou seja, como é a vida no campo, como usar os recursos da terra de forma sustentável, o trabalho em família, a pequena propriedade. Está inserida no contexto de nossos alunos que vivem no campo, tem ou trabalham em pequenas propriedades.

Em minha disciplina trabalharia a importância do campo, da vida rural, o amor à terra onde vivem, como trabalhar a união em família para produzir nas pequenas propriedades.

A imagem 11 (Tchê Garotos) não tem relação com as minhas imagens e disciplina, mas tem, sim, relação com o contexto de nossos alunos. O grupo tem o estilo musical onde nossos alunos estão inseridos. A música gaúcha faz parte da vida da zona rural e do meio onde eles vivem.

A imagem 12 (A Era do Gelo 2) tem tudo a ver com as minhas imagens e disciplina por mostrar a vida, como era o planeta há tempos atrás, se comparado com os dias de hoje, a relação dos seres vivos com o ambiente em que viviam, assim como “Bee Movie” e a “Vida de Inseto”, há correlação entre seres vivos e a interação com o ambiente em que vivem.

Quanto ao contexto sociocultural de nossos alunos, tem relação por mostrar alguns animais que existiram e não existem mais, portanto, o problema da extinção e as causas que levam a ela. A correlação com minha disciplina e contexto seria o que nós estamos fazendo hoje para não levar a extinção de animais, plantas e todos os seres vivos atuais. Como é hoje a responsabilidade de viver no campo e o cuidado com o meio que fica ao nosso redor, a consciência ambiental, quanto a caça e pesca predatória, as queimadas que provocam o aquecimento global. Estar inserido em um contexto que faz parte de um contexto maior. Preservar hoje para conhecer amanhã.

As figuras 13 (Rodeio Crioulo I) e 14 (Rodeio Crioulo II) têm tudo a ver com minha disciplina, pelo contexto da vida rural e campeira da maioria de nossos alunos. Tem algo a ver com as minhas imagens pelo modo de viver, a organização, o trabalho em equipe e a persistência em ir atrás de algo que acredita.

Tem tudo a ver com o contexto em que nossos alunos estão inseridos, em que eles têm amor a sua terra, a “camperiada” ligada ao rodeio, a vida no lombo do cavalo para tocar o gado.

- Muito obrigada Simoni. – agradece Ana Cláudia – quem poderia seguir?

- Eu. – fala Denise (educadora de História)- Acredito que a importância para os meninos e meninas que moram no meio rural seja exatamente a maior dificuldade ao acesso as imagens dos livros, filmes.

- Farei uma pausa aqui – anuncia Ana Cláudia – Vocês perceberam que a fala da educadora Denise foi muita parecida com a que a educadora Marília proferiu anteriormente?

- Não... Qual? – Pergunta a educadora Marília.

- Você respondeu que “implica que a primeira leitura na zona urbana é mais presente, pois os alunos convivem com muitas imagens, e que na zona rural os convívios visuais para a alfabetização são menores.”. E a Denise disse: “Acredito que a importância para os meninos e meninas que moram no meio rural seja exatamente a maior dificuldade ao acesso as imagens seja dos livros, filmes”. Certa vez, eu mencionei palavras parecidas, como “o acesso às informações, pelos educandos do meio rural, acontece por uma via mais lenta” – relembra Ana Cláudia.

- “Tá”, mas nós nem pensamos neste sentido quando dissemos isto. Não achamos que o que vem da cidade é melhor! – justifica Denise.

- Acredito, pois, como mencionei, eu também já falei de um modo que pudesse ser interpretado negativamente. Por isto, a reflexão sobre nosso pensamento, ou a maneira como nos expressamos são importantes, a fim de que não sejamos interpretados como preconceituosos. Reflexões estas, como: Que tipo de informações, de quais imagens estamos falando? Será que não estamos pensando que o que precede do meio urbano é melhor, mais “desenvolvido”, de maior valia? – indaga Ana Cláudia. – Poderíamos, a partir de agora, desconstruir/cogitar/repensar e confrontar idéias, conceitos, paradigmas, representações e significados arraigados pelo senso comum, no que tange, principalmente, à visão que parte do urbano como ponto de “mais alto grau” de acesso ao conhecimento. Buscar a problematização deste olhar antagônico da relação urbano/rural, a qual não poderia ser percebida como forma de comparação, ou relação de inferioridade e superioridade.

- Bom, foi uma “parada” para a reflexão! – diz Ana Cláudia – Continue, por gentileza, Denise.

- Sim, como estava falando, posso trabalhar as imagens, trazer imagens de outros ambientes ou partir das imagens dos contextos e procurar e fazer uma avaliação destas imagens juntamente com os alunos, ressignificando o sentido dado pelo filme, à imagem do livro a imagem colocada como inquestionável. Acredito que ao trazer uma imagem o professor trabalha com o significado

concreto, real, possibilitando assim desvincular a imagem da banalização diária, cotidiana e passa despertar no aluno novos conhecimentos, novos olhares para a forma como o conhecimento está construído. Por exemplo, duas formas de despertar o olhar do aluno, de fazê-lo refletir, seria passar os seguintes filmes:

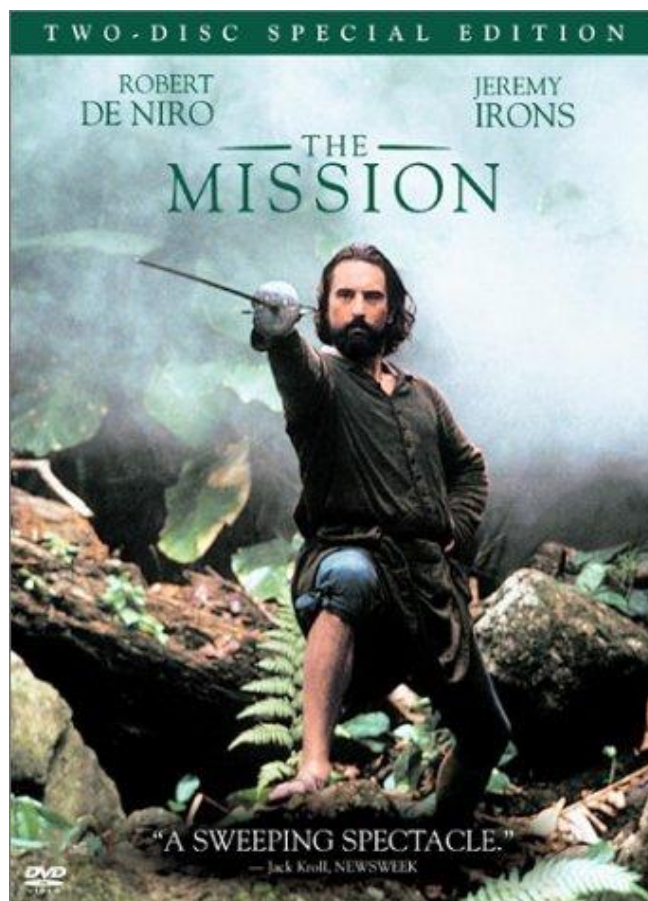


Imagem 20. Filme 'A Missão', Estados Unidos.

Fonte: <http://www.teachwithmovies.org/guides/mission-DVDcover.jpg>

No filme “A Missão” na cena em que o padre entra na mata e começa tocar uma flauta, por um lado há um momento manifesto da arte, a beleza, a delicadeza, por outro podemos perceber que aquela flauta está ocupando o lugar da cruz, a qual vai depois servir para dominar e com isto dizimar os povos e a cultura indígena.

A imagem 20 (A Missão) você pode assistir neste endereço do site youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=xBLbH6vRwk8>

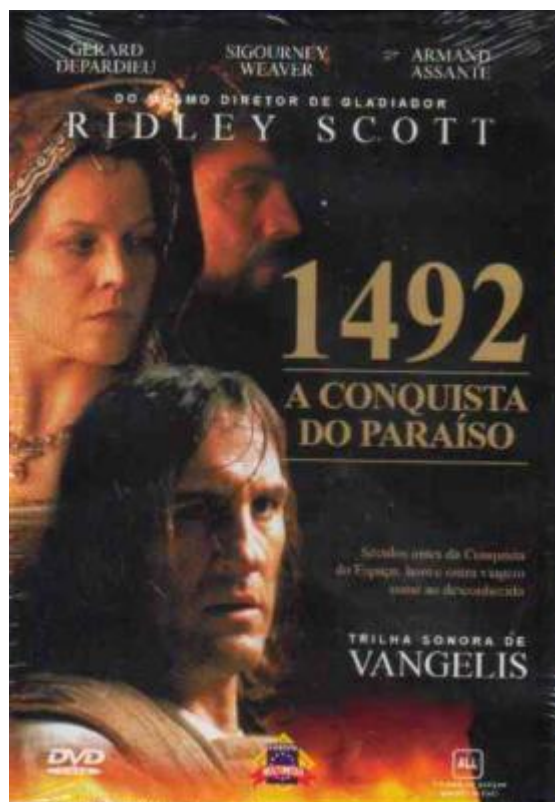


Imagem 21. Filme 'A conquista do paraíso', Estados Unidos.

Fonte: <http://www.cinevideo1.com.br/temas/images/product/2d49cd14c241b09f0fb1993eaab096e2.jpg>

Na cena em que depois de um temporal a cidade construída pelos espanhóis é arrasada e Colombo pede ajuda para o "índio", que ficou amigo dele, falar em espanhol e ele se nega, dizendo que Colombo nunca quis aprender a língua dele. Esta cena é importante para mostrar os mecanismos de dominação usados pelos portugueses e espanhóis na "conquista" da América.

Atualmente, estou trabalhando com dois projetos na escola. Pedi que os alunos trouxessem fotos que tivessem a ver com a cultura deles e, a partir delas, fizemos relações com os períodos e povos. Por exemplo, um assunto que discutimos foi a descendência deles e a história dos povos.

Outro projeto, foi o de fazermos um jogo, para estudarmos sobre os períodos históricos.

- E como foi proposta a realização deste jogo? – pergunta a ORIENTADORA.

- Os alunos é que estão criando as regras e as “casas” que existirão no jogo. Sabe, é como um tabuleiro... Quantas casas eles podem andar...o que fazer para andar estas casas. Eles já construíram cavalos e outros animais. Algo muito interessante foi que, para ver quanto custaria comprar um boi, para passar para a próxima fase, um aluno fez um cálculo matemático, colocando o peso do boi e seu valor de mercado, algo que, durante as aulas eles têm dificuldade, acham muito abstrato, mas quando tem a ver com a vida deles, com o que eles fazem diariamente, no trabalho deles, eles têm facilidade. Falei com a professora de Matemática, faremos um trabalho conjunto. Pena que, às vezes, os professores em reunião pedagógica, afirmam que é muito importante que pensemos em fazer um trabalho interdisciplinar, em forma de projetos, mas chega na hora e nada acontece. Cada um fica olhando para a sua própria disciplina... – reflete Denise – eu comecei a me mexer!

Sabe, até é muito bom dizer que eu tenho que passar para o papel todo este processo do projeto, um relato mesmo, para publicar e verem que muitas coisas boas estão sendo produzidas na escola.

- Sim, é muito importante, para que se tenha registro deste processo e para que haja reflexões posteriores. – afirma Ana Cláudia.

- Sobre as imagens que você trouxe – continua Denise - Depois de ouvir nxzero (imagem 05), trabalharia a música “Tudo passa”. Primeiramente, trabalharia esta música, colocaria a música para os alunos ouvirem e depois trabalharia com o Rap. Faria assim... Questionaria “para existir história é preciso existir verdade” e depois colocaria a música “ Todo camburão tem pouco de navio negreiro”. Questionamento TUDO PASSA? A história PASSA? O que significa dizer “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro? A história passa? Ou ela toma novas formas e existem novas formas de exploração, de opressão?

Não trabalharia com “Calcinha preta” (imagem 06)...

- Por quê? – questiona EFLAND.

- Porque, acredito que existem muitas músicas melhores, com conteúdo bem mais interessante. Mas, poderia e faria uma relação, por exemplo, com outras músicas que falam de amor de forma menos chorosa e questionam o papel da mulher e sua identidade, por exemplo, Rita Lee “Cor de Rosa Choque” e juntamente com esta poderia trabalhar “Mulheres de Atenas” e questionaria a diferença entre elas, “Mulheres de Atenas”, “Cor de Rosa Choque” e esta coisa... Você não vale nada Calcinha Preta... Questionaria a frase “Você não vale nada”!!! Que relação teria entre, por exemplo, “Mulheres de Atenas” (mulheres submissas) e esta música que fala da mulher que, aparentemente, a coloca numa situação de superioridade, mas remete a uma mulher que não vale nada.

Na imagem 10 (Revista Globo Rural) poderia fazer relação com a cultura e a vida do homem rural. Na imagem 11 (Tchê Garotos) poderia trabalhar a música “Vem me dengar”, e trabalhar o discurso que perpassa por esta letra e trazer para um questionamento, como para quem foi feita esta música ...muleca, boneca, menininha, se isto, por exemplo, não incitaria meninas menores de idade a pensarem que é possível começar namorar com seus 10 , 11, 12 anos já que muleca, menininha é uma forma que faz referência a meninas pequenas e não mulheres adultas.

Com a imagem 12 (A Era do Gelo 2) faria uma relação com os conhecimentos trabalhados sobre “pré-história”. Na Imagem 13 (Rodeio Crioulo I), questionaria o porquê desta expressão. Poderia trazer outras imagens referentes a outros povos, por exemplo, e a forma como eles também expressam respeito pelas suas culturas, mas primeiro apresentaria outras imagens, para ver como eles reagiriam, já que muitas vezes somos preconceituosos diante da cultura do outro, poderia trabalhar, por exemplo, uma expressão referente à cultura afro, da umbanda ou do candomblé, sabendo que uma maioria dos alunos tem preconceito contra os rituais afro.

Na Imagem 14 (Rodeio Crioulo II), trabalharia com esta imagem veiculando e relacionando, por exemplo, com as barbáries que são feitas contra os animais em muitos rodeios, remetendo àquelas touradas espanholas...

- ...que são rituais culturais – contrapõe OLIVEIRA.

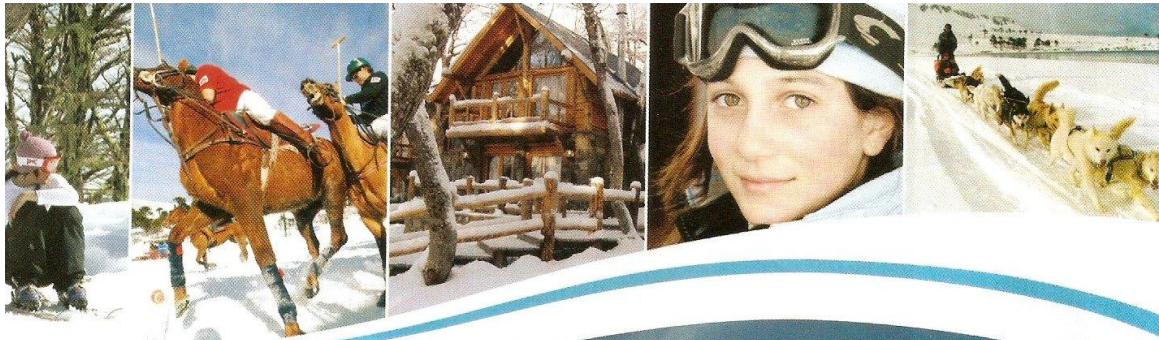
- Bom... – continua a educadora Denise - a relação entre as tuas imagens e as minhas... Acho que tem a ver com dominação... Tentativa de dominação. O mundo capitalista é caracterizado pela sociedade do consumo... Cheia de imagens. E as imagens, assim como a História, não são neutras.

- Obrigada Denise. – agradece Ana Cláudia – Quem gostaria de continuar?

- Eu gostaria! – exclama Dirlene, com muita empolgação. - A disciplina de Geografia tem tudo a ver com a visualização; é só, por exemplo, você ler um mapa que ele diz tudo. Muitos professores, às vezes, têm dificuldade de transmitir suas aulas através de imagens; preferem apenas dialogar sobre tais assuntos.

Nas aulas de Geografia, por exemplo, não são somente figuras e gravuras que o professor deve usar, mas, sim, objetos como ventiladores, mesa do aluno e professor, as árvores do pátio da escola, etc. Porque, para administrar uma aula, além dos dados citados acima, deve também ter uma boa exposição oral do aluno. Por exemplo, quando foi citado no exemplo “ventiladores”, estou me referindo aos fatores físicos ou naturais, como os tipos de clima; nos exemplos de “mesa” do aluno e professor, utilizaria quando vamos trabalhar as legendas de cores e os gráficos; quando foi citado “as árvores do pátio da escola”, estava me referindo aos temas trabalhados: desmatamento da floresta Amazônica, tipos de florestas no planeta e a flora em geral.

Sobre as imagens que eu escolhi, a imagem nº 22 (p. 70) retrata uma imagem do país Argentina, especificamente no sul deste país, onde observamos um grande vazio demográfico, em função de seu clima. Também é notável um relevo direcionado ao clima daquele local.



www.argentina.travel



Imagem 22. Fonte: arquivo da educadora.



Imagem 23. Fonte: arquivo da educadora.

A imagem nº 23 (p. 71) mostra todo o fluxo de rodovias existentes no Brasil e alguns países da América do Sul; isso é muito trabalhado nas aulas de Geografia.

Toda imagem que seja novidade para o educando, esta com certeza vai chamar a atenção dele, isto porque é uma novidade no momento desta faixa etária. A disciplina de Geografia tem tudo a ver com as imagens em anexo, não só essas, mas outras também, pois como já comentei a Geografia “lê” a imagem. Utilizaria essas imagens em minhas aulas realizando uma “mesa redonda”, debatendo e chegando numa conclusão ou o que essas imagens nos transmitem. Cada aluno tem o direito de falar o que tal imagem está representando. Porque muitas vezes o que uma imagem representa, não significa a mesma coisa para os alunos. Neste caso, é fundamental um debate ou “mesa redonda”. Sobre as imagens que tu trouxeste as imagens 11(Tchê Garotos) e 12 (A Era do Gelo 2) tem tudo a ver com a disciplina de Geografia, pois a figura 10 (Revista Globo Rural) é muito utilizada nas aulas como conteúdo de apoio para os alunos. Tem tudo a ver com o meio rural. Elas retratam os aspectos brasileiros (físico, econômico, político e social) As imagens 13 (Rodeio Crioulo I) e 14 (Rodeio Crioulo II) são de muito conhecimento dos alunos desta escola. Elas também retratam os aspectos brasileiros (físico, econômico, político e social); a figura 12 (A Era do Gelo 2) retrata os aspectos físicos climáticos. Por eu não ter conhecimento das imagens 02 (RBD), 03 (High School Musical), 04 (Fresno), 05 (NXZero), 06 (Calcinha Preta), 07(Tihuana), 08 (Tropa de Elite – trilha sonora) e 09 (Tropa de Elite – filme), não foi possível eu realizar uma comparação.

- Obrigada pela empolgante colaboração Dirlene! – exclama Ana Cláudia – quem poderia continuar?

- Bom, pode ser eu – diz Fátima (educadora de Inglês) calmamente - É uma relação fundamental e extremamente importante, pois a associação de imagens às teorias permite uma aprendizagem efetiva. O educador tem papel muito importante nesse momento, pois a metodologia usada por ele depende do êxito ou não da aprendizagem. Dois exemplos de como eu trabalhei com as imagens em sala de aula foram estas:

O Filme “A Arca de Noé”, para o ensino do vocabulário sobre animais.



Imagem 24. Filme ‘A arca de Noé’, Estados Unidos.
Fonte: <http://www.pluhma.com/locadora/capas/8395.jpg>

Outro projeto que realizei com os alunos foi este:

Este projeto foi desenvolvido em 3 períodos de aula de 50 minutos cada no mês de junho.

No mês de junho, o assunto que mais se falava era a realização dos jogos da Copa do Mundo. Os alunos estavam eufóricos e muito envolvidos com o assunto “futebol”.

Aproveitando esta ocasião, apresentei aos alunos a proposta de ampliarem o conhecimento de novos vocábulos em inglês, desta vez referente a futebol. Pedi aos alunos que observassem o grande número de palavras em inglês que apareciam na tela durante a exibição dos jogos na TV, bem como em jornais, revistas, Internet...

Os alunos mostraram-se muito interessados em executar a tarefa e, bem mais estimulados ficaram, quando souberam que iriam fazer todo o trabalho no laboratório de informática da escola, podendo acessar a Internet para pesquisa.

Com uma lista (entregue por mim) de 25 palavras em inglês, relativas a futebol, os alunos foram para o laboratório de informática; acessaram na Internet o site <http://www1.uol.com.br/babylon/> e fizeram a pesquisa de tradução.

Voltando para a sala de aula, foi feito um debate para avaliar o trabalho realizado bem como para relacionar o vocabulário pesquisado com os fatos da Copa do Mundo.

Para a culminância do projeto, acessei ao site www.crosswordpuzzlegames.com/created.html e montei uma “Football Crossword” (palavras cruzadas sobre futebol) com 20 palavras e os alunos foram convidados a se dirigirem novamente ao laboratório de informática. Com o auxílio da pesquisa de tradução, eles preencheram, no computador, a “Football Crossword”, sendo este um trabalho avaliativo, com valor de 20 pontos.

Para operarem os computadores, os alunos contaram com a assistência e ensinamentos meus e da Profª Adriana, responsável pelo laboratório de informática.

A realização do Projeto Inglês x Informática foi muito positivo, pois os objetivos propostos foram alcançados de maneira satisfatória, proporcionando aos alunos uma nova maneira de aprender através do uso da informática.

Imagem 25. Fonte: arquivo da educadora.

- Muito interessante seu projeto educadora Fátima, pois você partiu do interesse dos alunos, do cotidiano deles, para ensinar o conteúdo da sua disciplina. Pena que as palavras não foram levantadas pelos educandos... – profere STHUR.

Posso relatar como outro exemplo, um trabalho-projeto realizado na 8ª série da escola. Os alunos pediram para aprenderem a cantar a música tema do filme Titanic 'My heart will go on', pois gostavam muito dela. Trouxe a letra da música, trabalhamos o seu vocabulário inglês/português e a pronúncia das palavras. Após, foi tocado o cd e os alunos cantaram juntos.

Contei um pouco sobre a história do filme para os alunos e eles demonstraram bastante interesse em saber mais detalhes. Então, trouxe um texto sobre o assunto, onde além de trabalharmos vocabulário, interpretação, trabalhamos, também, conteúdos gramaticais da língua inglesa.

Os alunos ainda não estavam satisfeitos e queriam saber mais. Pediram, então, para assistirem ao filme 'Titanic'. Durante a exibição do filme (em inglês, com legenda em português), os alunos mantiveram-se totalmente atentos, pois além de estarem vendo as imagens que haviam criado mentalmente ao longo do projeto, estavam exercitando a audição da língua inglesa.

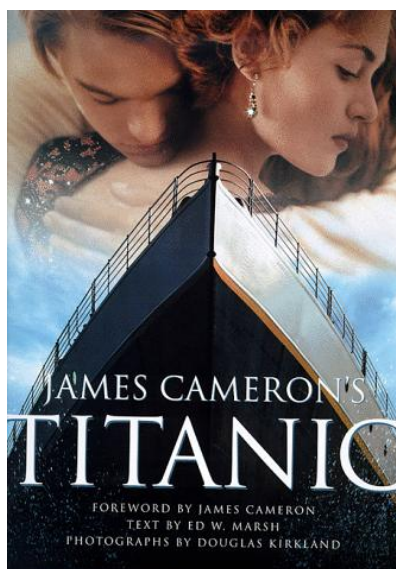


Imagem 26. Filme 'Titanic', Estados Unidos.
Fonte: <http://www.movie.si/userfiles/image/posters/titanic.gif>

Creio que tanto na escola rural quanto na urbana, esta relação tem o mesmo efeito, que é o de efetivar o aprendizado através das imagens.

Utilizaria, sim, qualquer uma destas imagens que você trouxe, pois elas podem ser um ótimo recurso visual para o desenvolvimento de vários conteúdos da minha disciplina. Daria para trabalhar com elas, sim. Teria, somente, que pensar na relação com o conteúdo que trabalharei naquele momento. Como nos exemplos que eu mencionei.

- Obrigada Fátima – fala Ana Cláudia - Vamos ouvir a Vera agora, depois vamos fazer uma pausa para o almoço, certo?

- Isto mesmo! – concordaram todos.

- Vou começar, então. – avisa Vera (educadora de Matemática) - A relação entre a cultura visual e a Matemática é muito importante, pois só assim vamos conseguir introduzir a linguagem matemática, nas séries iniciais, como por exemplo, espaço, forma, grandezas e medidas, números e operações, etc. Nas séries finais, também é importante a cultura visual para entender a maioria dos conteúdos trabalhados, como por exemplo, frações, álgebra, geometria, etc. Depois explicarei melhor isto.

O trabalho do professor é o de orientar e valorizar as experiências e produções do aluno. Resgatar a cultura do aluno do meio rural. Por exemplo...

- Um momento educadora Vera... Apenas uma parada para a reflexão... Será que existe alguma forma de “resgatar a cultura do aluno”, como a senhora afirmou? - questionou OLIVEIRA – A cultura é algo submerso, que temos que “resgatar”?

Vera manteve-se pensando... E, em seguida Ana Cláudia solicitou que a educadora continuasse sua exemplificação:

- Continuando... Por exemplo, uma imagem que trabalhei com meus alunos de 7ª série foram as imagens de pássaros, que retiramos das revistas ‘Globo Rural’,

onde trabalhamos a preservação da espécie, as espécies de pássaros existentes na região, a preservação da natureza, o trabalho no campo, a agricultura e a pecuária e suas relações com monômios e polinômios na Matemática.

- Como foi realizado este trabalho? – questiona MIRZOEFF.

Os alunos, em grupos, escolheram as imagens e os temas que tinham a ver com a cultura deles, com a realidade deles. Depois, pesquisaram sobre estes assuntos e fizeram problemas matemáticos, relacionando com monômios e polinômios. Estes são alguns exemplos de trabalhos que os alunos fizeram:



Imagem 27. Fonte: arquivo da educadora.

Introdução: Nosso grupo n° 4 da 7^ª 72 resolveu fazer um trabalho sobre os animais (avés) este trabalho inclui principalmente os animais em extinção.

⇒ Porque eles estão em extinção ⇒

Por que queimam a mata e eles ficam sem lar e com seu ar poluído na maioria das vezes a fêmea com seus filhotes e eles acabam morrendo no ninho porque não tem como se defender.

As vezes até seja 40% das vezes matam-os sem pena só por um pedaço de espaço que para eles é muito divertido e alguns vendem.

Estas são algumas coisas que acontecem com esses pobres passarinhos.

Nós escolhemos um tipo de ave seu nome é harpia. Vamos falar um pouco de ela e fazer alguns problemas. A mais poderosa ave de caça

Imagem 28. Fonte: arquivo da educadora.

pina do planeta, é uma es-
pécie de amênia dos réis
umas selvagens. Ela vive com
vários presérvos e casa
abundância para sobrevi-
ver. Por isso viveu no dia
de no país.

Problemas:

1- Uma sapia recém nascida
nasce com aproximada-
mente:
100 penas.

Na sua adolescência cres-
ce com mais penas, em
esta quantidade.
50

Mas quando ela chega
a fase adulta perde
10 penas e não cresce
mais.

Com quantas penas es-
ta ave fica na verdade,
100 mais aproximadamente
+ 50 (cresce na adolescência)
150
- 10
140
Ficam aproximadamente com

Imagem 29. Fonte: arquivo da educadora.

2) Se 5x harpias põem ovos por
 como cada postura e cada da
 falha uma vez, quantos o
 vos as 5 harpias colocaram
 um ano.

$$\begin{array}{r} 5x \\ \times 2x \\ \hline 10x \\ - 1x \\ \hline 9x \end{array}$$

3) Em uma floresta existia apor
 tadamente 104 aves da es
 pecie harpia.

Mas com as queimadas
 que aconteceu muito na que
 lá floresta morreram ca
 metade das harpias. Mas
 na verdade quantas aves
 harpias ficaram.

$$\begin{array}{r} 104 \text{ m} \\ - 52 \text{ m} \\ \hline 52 \text{ m} \end{array}$$

R. Restaram 52 m. har
 piás.

Exercícios.

1) Efetu as seguintes operações
 com polinômio
 $(x+2) \cdot (2x^2+3x+2) =$
 $2x^3 + 3x^2 + 2x + 4x^2 + 6x + 4 =$
 $2x^3 + 7x^2 + 8x + 4.$

Imagem 30. Fonte: arquivo da educadora.

Conclusão:
Através desse trabalho aprendemos a valorizar a natureza, preservando os animais. E ao mesmo tempo aplicamos na temática em nosso dia a dia.
Por exemplo monômios e polinômios.

Bibliografia:
Revista
Globo Rural.

Imagem 31. Fonte: arquivo da educadora.

No mundo, não pode existir só médicos e advogados. Sempre tem que ter alguém que plante e cresça. Nós temos que estar bem informados sobre o que acontece no campo, porque nós somos
HOMENS RURAIS!



Imagem 32. Fonte: arquivo da educadora.

Exercício:

② João tem R\$ A reais e gastou 50 reais e recebeu uma quantia X reais, e ficou com 300 reais.

Quantos reais João tinha e com quantos reais ele recebeu.

$$R = 150$$

$$X = 200$$

Então João tinha 150 reais e recebeu 200 reais e de lá ficou com 300 reais.

③ José quer vender uma quantia Y de pacotes para comprar um Trator que custa R\$ 27.000,00 levando em conta que cada pacote de 130 Kg vale R\$ 150 reais? Quantos pacotes de 130 Kg José vai precisar para comprar o Trator? São necessários 180 pacotes para comprar o Trator

④ A vendedora super Tratores comprou uma quantia Y Tratores NEW HOLLAND da montadora para revender levando em conta que gastou doze mil reais e cada Trator custa 20.000 reais. Quantos Tratores a vendedora comprou? Ela comprou 10 Tratores

$$\begin{array}{r} 200,000 \quad | \quad 20,000 \\ - 200,000 \quad | \quad 10 \\ \hline 000000 \end{array}$$

Imagem 33. Fonte: arquivo da educadora.



Concluímos que neste trabalho nós tivemos algumas
dúvidas de monômios e polinômios e também gostá-
mos de trabalhar com a pesquisa e agricultura.

BIBLIOGRAFIA:

Revista Globo Rural-edição 1998

A natureza também tem haver com
monômio e polinômios como por
exemplo as árvores os pastores e ou
bros.

Imagem 34. Fonte: arquivo da educadora.

Uma das principais implicações é trabalhar os conteúdos dentro da realidade e da cultura rural. Pois, quando se busca uma educação rural contextualizada e interdisciplinar, não podemos deixar de relacionar o currículo escolar com a cultura.

A relação seria a realidade da zona rural, a realidade de nossos alunos, principalmente as imagens 10 (Revista Globo Rural), 13 (Rodeio Crioulo I) e 14 (Rodeio Crioulo II). Sim, eu através da área da Matemática pretendo buscar a valorização do meio, aprendendo a utilizar suas diferentes linguagens e integrando-a a vida do aluno, às situações de seus cotidianos. Por exemplo, relacionaria estas imagens com a linguagem da Matemática, integraria as aulas práticas com os conteúdos teóricos, utilizaria material lúdico e concreto (jogos, rodeios, brincadeiras, situações do cotidiano, imagens da natureza, etc.).

- Muito obrigada Vera! Agora, vamos almoçar e, depois, voltamos à discussão às 13h30min? – convida Ana Cláudia.

- Sim, sim, sim, minha barriga está roncando – enfatiza Dirlene.

Todos riem.

13h30min...

- A partir das falas e das imagens que vocês trouxeram, podemos analisar que, na contemporaneidade, discute-se muito acerca das influências das imagens em nossa capacidade de discernimento e de comportamento, sob uma perspectiva, digamos, de bombardeamento visual. Todavia, percebe-se uma indecisão ou dúvida quando tratamos das imagens, de suas influências e de suas possíveis problematizações. Consoante o que escreveu em seu livro “Picture theory”, Mitchell (1994, p.13), explana que “ainda não sabemos o que são imagens, que relação têm com a linguagem, como agem nos observadores e no mundo, como é compreendida sua história e o que se há de fazer com e a respeito delas”. Deste modo, mesmo que o mundo contemporâneo seja cada vez mais visual – o que é uma realidade a ser

considerada - não está claro, como nos recorda Rose (*apud* HERNÁNDEZ, 2007, p.29), “o que significa o que se vê, e o quê, como e quem vê e não vê” - expõe Ana Cláudia.

- Mas, há uma metodologia que se pode dizer que é a melhor para utilizarmos na sala de aula?- questiona Marília.

- Marília ainda não está claro como podem ser abordados os temas relacionados com o visual por meio de estudos empíricos ou na Escola. Ainda que haja muita produção sobre as questões visuais, não há quase formulações sobre os métodos de interpretação e de como usar estes métodos, nem para a pesquisa, nem para a educação. E não me refiro apenas a métodos que poderíamos denominar tradicionais, que têm por base o estudo da forma e do conteúdo, a iconografia e a iconologia, e àqueles que fazem parte da semiótica estruturalista. Refiro-me aos métodos de interpretação e de investigação surgidos a partir do debate pós-estruturalista e das contribuições da história cultural da arte, dos estudos culturais, dos estudos feministas e dos meios, entre outros saberes – afirma HERNÁNDEZ (2007, p.29) à professora Marília.

- Contudo, é indubitável a importância da visualidade (a problematização cultural do olhar e na representação) no espaço escolar, como meio de relacionar o conteúdo de cada disciplina com a cultura visual dos educandos. Dentre tantas metodologias possíveis, as problematizações poderiam partir das imagens e de que formas os educandos interpretam as mesmas – através da sondagem e do conhecimento processual de suas realidades -, em detrimento da análise puramente formal (formalismo) da imagem, do ensino “conteúdista”, sem contextualização, seguindo uma ótica linear e da retórica “monóloga” da História. Pois, a discussão não se alicerça apenas em uma única visão e essa não se faz de forma direta, apenas através do que está posto aos olhos do espectador, de forma simples, mas do que é construído por meio de diversas relações. Relações estas, que implicam tanto em reflexões dos educandos entre o conteúdo e seu cotidiano, como do contexto nos quais as imagens foram produzidas, pretendidas e discursos implicados – elucida Ana Cláudia.

- Conforme Hall (1997, p.9) – ainda discorre Ana Cláudia -, não há uma resposta “correta” às questões: o que quer dizer esta imagem? O que está dizendo este anúncio? Parte-se, assim, do pressuposto de que não há uma regra para a interpretação das imagens, de que as coisas tenham “um significado verdadeiro”, uma vez

que os significados mudam com o tempo. Portanto, a problematização das imagens poderá ser de caráter interpretativo – não um debate entre quem tem razão e quem está equivocado, mas sim entre significados e interpretações igualmente plausíveis, ainda que em certas ocasiões possam entrar em rivalidade e serem divergentes.

- Cada objeto – continua a orientanda - foi produzido segundo uma intenção e discurso que podem ser transitórios e efêmeros. Estas representações da cultura visual e suas compreensões constroem formas de pensar. As representações estão constituídas de interpretações possíveis e plurais, não possui amarras a apenas um discurso ou visão. Devido a este motivo, talvez fosse interessante considerar a valia do trânsito pelas imagens da cultura visual em sala de aula, visto que nos ensinam – embora o valor da cultura visual se modifique entre um contexto cultural e outro, de indivíduo a outro, visto que as origens socioculturais dos educandos, muitas vezes, são distintas, pois apresentam interesses, crenças e valores, os quais representam especificidades de suas culturas - a construção processual de interpretações por meio de variadas experiências. – explana Ana Cláudia e continua:

- Sim, porque cultura visual trata de interpretações e, não, de leitura – como a educadora Dirlene disse que “a Geografia lê a imagem” [...] “chegando numa conclusão ou o que essas imagens nos transmitem”, a extração de “qual a mensagem” e o que a imagem “representa” – como falou a educadora Simoni -, como “significado concreto, real” – como afirmou a educadora Denise”, uma vez que todas estas expressões são discutíveis no campo da cultura visual. Pois, quando se fala em leitura de imagem, refere-se a uma abordagem dos elementos desta, como códigos, podendo ser “extraído”, apenas, um “significado” – existe algum concreto e real? O que é real? O que é concreto? O que é verdadeiro? - ou aquilo que “representa”, segundo “numa conclusão”, em detrimento de múltiplas interpretações e olhares.

- Voltando à discussão sobre o planejamento como um todo, este é resultado de um processo metafórico no qual a analogia é o seu princípio constitutivo – afirma HERNÁNDEZ (2007, p. 60)

- Ou seja, uma possibilidade – dentre tantas – de planejamento é a relação (analogia) entre a cultura visual do educando e os conteúdos da disciplina que vocês lecionam.

- E o que trato de acrescentar ao que foi dito até agora são contribuições para uma narrativa educativa:

- onde se criem situações e propiciem experiências nas quais seja possível aprender a fazer relações entre imagens, objetos, artefatos relacionados às experiências culturais do olhar e a relacioná-los a seus contextos de produção, de distribuição e de recepção;

- investiguem-se os efeitos dessas relações nas construções subjetivas de diferentes audiências e instituições produtoras e divulgadoras de cultura visual;

- com a finalidade de se chegar a processos de compreensão que permitam detectar regularidades e diferenças, bem como desvelar as posições de poder que o conhecimento construído estabelece; e

- para que se possibilite a elaboração/criação de narrativas visuais por processos e meios diversos, onde se evidencie a capacidade de resistência, de autoria e de ação dos aprendizes – explanou HERNÁNDEZ (2007,p. 61) ao grande grupo.

- Educadoras – diz Ana Cláudia – seria interessante, talvez, que vocês questionassem/problematizassem/analisassem/desconstruíssem o discurso dominante da educação atual, e principalmente, permitissem-se a provocar/construir planejamentos que buscassem a participação efetiva dos educandos na aprendizagem, construindo a percepção de que a aprendizagem do conteúdo, por meio da relação com a cultura visual, contribui para as suas construções e maneiras de ver a si e ao mundo, como também de sua socialização...

- Mas, - Dirlene faz uma intervenção - como, o que nós poderíamos fazer para começar a ver os alunos de outra forma, sem ser através da cultura que predomina na nossa vida, o mundo, atualmente? – questiona Dirlene.

- A senhora está falando da cultura hegemônica? – pergunta OLIVEIRA.

- Isto mesmo! – assinala Dirlene.

- Muito pertinente o seu questionamento. Todos nós pertencemos a esta cultura e questionar este olhar, que muitas vezes apresentamos como único, verdadeiro, hegemônico, demanda um significativo empenho de todos nós, sejamos educadores universitários, educadores escolares, educandos, profissionais de todas as áreas, pais, etc. Por meio da construção/problematização de múltiplos olhares, desconstrói-se com a concepção tradicional que tinha por base as classificações estereotipadas das culturas, diferenciando-as como binômios, por exemplo, campo/cidade; pobre/rico; desenvolvido/subdesenvolvido; informado/desinformado, centro/periferia; acessível/inacessível; acima/abaixo, os quais permitiam pouca possibilidade de reflexão dos educandos.

- O professor HERNÁNDEZ trata, em seu livro “Catadores de Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional (2007), das quatro perspectivas de ensino...

- Se me permite tecer uma breve introdução sobre estas perspectivas de ensino... – fala HERNÁNDEZ - Partindo dessas considerações, baseei-me em Alvermann, Moon e Hagodd [...] que apontam quatro perspectivas de ensino relacionadas à relevância que o professorado dá à cultura popular. Adaptei suas posições à relação que os educadores mantêm com as imagens e os artefatos que fazem parte da cultura visual – contribui HERNÁNDEZ (2007, p.65).

- Segundo o professor, para alguns educadores inseridos na *perspectiva proselitista*, as imagens da cultura visual desempenham influências negativas sobre os educandos, instigando à violência, à iniciação e práticas sexuais, ao materialismo e ao consumismo, bem como à vivência de relações frívolas, vazias. Esta perspectiva de ensino parte do princípio de que os educandos são seres passivos e indefesos perante as influências da cultura visual.

- Uns e outros perdem de vista que também é possível desenvolver estratégias de distanciamento, de apropriação ou de resistência – ressalva HERNÁNDEZ (2007, p. 66).

- Concordo! – exclama Ana Cláudia - Este pensamento limita a aprendizagem, pois converte os educadores em guardiões do olhar do educando, em defesa das más e perigosas influências dos objetos e das imagens concernentes à cultura visual.

- Na perspectiva da satisfação, segundo Hernández (2007), os educadores atentam para o que proporciona prazer aos educandos, sem provocar reflexões que os convide a se posicionar segundo outros olhares, outros posicionamentos, a perceber como seus olhares sobre as imagens da cultura visual são construídos e/ou influenciados – discorre Ana Cláudia.

- Já na perspectiva analítica, consoante Hernández (2007), os educadores consideram a cultura visual como ocupante de um significativo lugar na vida dos educandos e levam exemplos à sala de aula como uma maneira de examinar “textos” da cultura visual (HERNÁNDEZ: 2007, p. 67). Esses acreditam que a função dos educadores é a de libertar os educandos da passividade perante as imagens da cultura visual. Destarte – continua a orientanda -, a cultura visual tem seu espaço no currículo, mas à guisa de análise crítica e do exercício da moral por parte dos educadores, sem levar em consideração o prazer do contato dos educandos com a cultura visual. Pelo que pude analisar, a partir das respostas da educadora Denise, esta estaria inserida nesta perspectiva de ensino. Pois, ela compreende o importante espaço que a cultura visual ocupa na vida dos educandos, mas, de certa forma, algumas destas imagens trazidas por eles, Denise não busca tratar em suas aulas.

- Mas, é que é difícil trabalhar com aquilo que não acreditamos ser o melhor para os alunos, ou que não queremos ter contato! – ressalta Denise.

- Entendo Denise. No entanto, conforme Hernández (2007), a perspectiva auto-reflexiva enfatiza a *análise, a satisfação, o posicionamento e audiência*, proporcionando debates, ações dialógicas que poderão ser construídas segundo problematizações – por parte dos educadores - de critérios de interpretações dos educandos (deixando de lado o fator moral). Conforme esta perspectiva, os educadores percebem o importante lugar da cultura visual no cotidiano dos

educandos, mesmo que, como você mencionou, não acreditem “ser o melhor para eles”, ou que não queiramos “ter contato”, pois compreendem que estas imagens fazem parte do entorno da vida das crianças e dos adolescentes daquela determinada cultura e que, assim, são meios de aproximar a realidade destes com o conteúdo de suas disciplinas.

- Desculpe interromper, mas, levar a cultura visual dos alunos para a sala de aula não pode ser entrar na privacidade, na vida particular deles? É que muitos não gostam ...- indaga Dirlene.

- Sem dúvida [...] Vejamos um exemplo desta “tentação” dos adultos. Em certa ocasião, junto com Laura Trafí, realizei um seminário de introdução à cultura visual para professoras de educação infantil. Pensamos que valesse a pena apresentar para as crianças a noção de “coleção”, e para ilustrá-la tomamos o exemplo apresentado no filme “Toy Story 2”. Vocês conhecem, já assistiram a este filme? – pergunta HERNÁNDEZ (2007, pp. 68-69) às educadoras.

- Sim!- elas respondem.

- Pois bem, com isso, queríamos destacar a importância de “coleccionar” na vida das pessoas. Sugerimos às professoras que perguntassem aos meninos e meninas se colecionavam coisas. Quando uma das professoras fez no pátio a pergunta, as crianças perguntaram-lhe, com desconfiança, para que queria saber. Ela respondeu-lhes que era para um trabalho que estava fazendo com professores da universidade. No dia seguinte, começaram a chegar coleções de todo o tipo na escola. Pedagogizá-las [...] significava começar a fazer classificações por tamanhos, formas, cores, temas, etc. Nós sugerimos que este não era o objetivo. Que colecionar era uma atividade particular, de cada criança, que tinha de ser respeitada e deixada de fora do olhar e do controle da escola. Propusemos, entretanto, iniciar um processo de questionamento com uma turma sobre o papel das coleções na vida de seus familiares[...] em torno da história das coleções. – elucida HERNÁNDEZ (2007, pp. 68-69).

16h 40min...

- Finalizando – anuncia Ana Cláudia - Através deste exemplo mencionado pelo professor HERNÁNDEZ, podemos compreender que as experiências relacionadas à cultura visual dos educandos não são para serem *pedagogizadas*,

entretanto, tornam-se possibilidades de analogias com os conteúdos das disciplinas do currículo.

- Posso colocar mais uma questão?

- Claro que sim! – exclama, sorridentemente, a orientanda à educadora Simoni.

- É que, a gente traz as imagens de filmes, dos livros, etc., para a sala de aula, mas pelo que vi, na hora do debate e de trabalhar com o filme é que a gente, às vezes têm dificuldade – afirma a educadora de Ciências.

- Como havia mencionado, as problematizações destas imagens da cultura visual poderão ser construídas entre educandos e educador. Este último, “coordenaria”, digamos assim, os de critérios de interpretações do educandos perante as imagens, deixando de lado o fator moral. A satisfação por parte dos educandos para com a cultura visual é um aspecto a ser apropriado a fim de motivar debates e diálogos acerca do lugar que ocupa em suas formas de ser e pensar, em detrimento da repressão. Que, no que tange às variadas interpretações que educandos poderão construir, referentes à cultura visual, os educadores poderiam provocá-los, processualmente, a fundamentar suas interpretações, estabelecendo diferentes posicionamentos, relações, compreensões e olhares, em detrimento de uma verdade única e absoluta, ou seja, em detrimento daquela proferida pelo educador como “única”, “verdadeira” e “correta” – afirma Ana Cláudia.

- Depois que participei da entrevista, refleti muito sobre a minha prática em sala de aula. Tenho certeza de que os outros professores também! – ressalta Fátima.

- Agradecemos desde já a contribuição dos senhores à nossa escola – diz Marília.

- Eu é que agradeço a todas e todos, pois, somente houve a possibilidade da realização desta pesquisa, devido aos esforços e às contribuições de todos – educadoras, teóricos e orientadora. Muito obrigada! – exclama Ana Cláudia.

Bom, senhores, agora terei que ligar a van e regressar até a cidade de Santa Maria. Coloquem os cintos, por gentileza!

- Só um momento, mas não haverá uma próxima viagem de pesquisa, como a orientanda Ana Cláudia afirmou no início desta viagem?! – você deve estar pensando neste momento. - Ah, mas não se preocupe – responde Seu Lulu serenamente -, como a senhorita mencionou, não se trata “de uma pesquisa pronta, finalizada e acabada em si mesma. Desta forma, outras viagens estarão por vir!” Então, anote aí o e-mail dela: anaclaudiapaim@gmail.com. Não perca este endereço, pois a senhorita estará aberta a sugestões, questionamentos, considerações, reflexões, dúvidas e contribuições!

SUBA NA VAN, VAMOS A DILERMANDO DE AGUIAR!

• A História de Dilermando em 40 minutos

Consoante Souza (1998) autor do livro intitulado “História do Município de Dilermando de Aguiar” e as informações veiculadas no site oficial deste município, suas terras foram exploradas, em meados do século XIX, por espanhóis provindos da região Basca, designada Biscaia (Espanha), os quais executaram a extração da madeira, realizando a comercialização com a Região do Prata e das Missões. No final do século XIX, os portugueses, chefiados pelo Tenente Coronel José da Rocha Vieira, fundaram o povoamento da localidade denominada Estação São Pedro, erguendo duas casas; uma residência e uma hospedaria ao longo da estrada de ferro.

Em 1889, com a formação dos municípios de São Gabriel, São Vicente e Cacequi, grande parte das terras localizadas naquela região foi incorporada a estes municípios, e o restante, passou a compor o Segundo Distrito de Santa Maria.

Em 23 de dezembro de 1890, foi inaugurada a Estação Ferroviária, cujo nome de seu engenheiro criador, a título de homenagem, nomeou-se a localidade Dilermando de Aguiar. Em 1919, a vila cresceu em importância, quando se tornou ponto inicial de um novo Ramal Ferroviário, ligando Santa Maria à região da fronteira, nesta época o então distrito atingiu 4.593 habitantes.

Setenta e seis anos se passaram, iniciando-se, assim, o movimento de emancipação de Dilermando de Aguiar, tendo como marco a realização de um plebiscito e o apoio da maioria de sua população. Deste modo, em 28 de dezembro é firmada a Lei nº 10.633, que emancipa o distrito de Dilermando de Aguiar, com a denominação de município. No ano seguinte, foi realizada a primeira eleição, nomeando-se Vereadores e Prefeito, do então, Município de Dilermando de Aguiar.

O Universo de Dilermando de Aguiar

• População: etnia, religião e tradicionalismo

A população descende de espanhóis, portugueses, indígenas, africanos e italianos. Segundo dados de contagem populacional do IBGE (apresentados no site oficial deste município), publicados em 2007, a população total estimada é de 3.126 habitantes, sendo a população rural aproximada de 2.036 e a urbana de 1.090 habitantes.

Várias religiões coexistem neste município, dentre tantas, a Católica (predominante), Espírita Kardecista e Assembléia de Deus.

Dilermando de Aguiar possui inúmeras entidades culturais e de entretenimento: dois Centros de Tradições Gaúchas - CTG Tropolha Crioula e CTG Rocha Vieira -, Piquetes de Laçadores, Associações Futebolísticas na Sede e no Interior, Salões Paroquiais, em São José da Porteirinha e em Sobradinho, Associações Comunitárias no interior, além de um Centro de Incentivo a Produção de Artesanato Caseiros e Assistência Social - CIPADA.

• Localização

Ao que confere a Lei nº. 10.633/1995, este município está localizado no centro-ocidental do Estado do Rio Grande do Sul, a 350 km de Porto Alegre-RS, possui como municípios limítrofes Santa Maria (leste), São Pedro do Sul (norte), São Gabriel (sul) e Cacequi (oeste). Dilermando de Aguiar constituía-se como distrito de Santa Maria até 28 de Dezembro de 1995, data de sua emancipação política.



Imagem 35. Localização do município.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilermando_de_Aguiar

• Economia

Na zona rural, destaca-se a agropecuária, sendo o arroz, o milho, a soja e o fumo, como os produtos mais cultivados. A pecuária compreende a criação de bovinos, ovinos, aves, em menor expressão numérica, suínos e eqüinos.

Há, ainda, associações e cooperativas de produção, como o MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores; a ACOPACHIM – Associação Comunitária de Produção, e Ambiental Chico Mendes, ACUDICOP - Associação Cultural de Difusão Comunitária Pompéia, COODESUL - Cooperativa de Desenvolvimento Sustentável de Dilermando de Aguiar e ADIPRO - Associação Dilermandense de Produtores.

Dentre eventos deste município estão a FEICAD, Feira Comercial, Industrial, Agropecuária, Esportiva e Cultura; e a abertura da colheita da uva, intitulada como “É Tempo de VINDIMA”.

A LEI EM TRÂNSITO

- **Educação do Campo: Perspectivas do Ministério da Educação e Cultura**
- **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 clarificou, tardiamente, a pluralidade sócio-cultural e o direito à equidade, ao articular as diretrizes operacionais para a educação do campo. Deve-se ressaltar que estas mesmas diretrizes devem ser suplementadas pelos sistemas federal, estadual e municipal de ensino. Ademais, visam convergir às especificidades do meio rural, como, por exemplo, gerenciamento escolar próprio, ajuste do calendário escolar às etapas de ciclos agrícolas, bem como alterações climáticas.

Foi promulgado, cinco anos mais tarde, o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/01), o qual sugere a organização do ensino em séries, abolição progressiva das classes multisseriadas e a “universalização” do transporte escolar. Este último suscitou distorções, tais como: a transferência de educandos de escolas rurais para instituições urbanas e o transporte em veículos inadequados e inseguros, considerados os longos percursos em estradas de difícil acesso.

Por fim, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, foram também recepcionadas (em 2001) pelo Conselho Nacional de Educação, o que representou um marco significativo para a educação do campo, ao contemplar questões conceituais de histórica presença nos pleitos dos movimentos sociais.

Vale ressaltar que três anos antes, com o intuito de desenvolver ações conjuntas pela escolarização da população rural em nível nacional, foi criada a “Articulação Nacional por uma Educação do Campo”. Dentre estas ações estão, em 2002, a instituição pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo; nos anos de 1998 e 2004, as realizações de Conferências Nacionais por uma Educação Básica do Campo; e a criação do Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo (GPT), em 2003. Também podemos citar a instituição, em 2004, no âmbito do

Ministério da Educação, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, sendo esta vinculada a Coordenação Geral de Educação do Campo. Este fato representou, segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), o olhar atento para as necessidades e particularidades da educação do campo, partindo de um órgão estatal federal.

- **Educação do Campo: concepções a serem repensadas**

Desconstruir/cogitar/repensar e confrontar idéias, conceitos, paradigmas, representações e significados arraigados pelo senso comum, no que tange, principalmente, à visão que parte do urbano como ponto de “mais alto grau” de acesso ao conhecimento. Este é um dos papéis dos educadores – não somente os de da zona rural-. A educação rural poderia buscar a problematização deste olhar antagônico da relação urbano/rural, a qual não poderia ser percebida como forma de comparação, ou relação de inferioridade e superioridade.

Neste sentido, tal como é discorrido nos Cadernos SECAD 2, a concepção

urbanocêntrica, na qual o campo é encarado como lugar de atraso, meio secundário e provisório, vem direcionando as políticas públicas de educação do Estado brasileiro. Pensadas para suprir as demandas das cidades e das classes dominantes, geralmente instaladas nas áreas urbanas, essas políticas têm se baseado em conceitos pedagógicos que colocam a educação do campo prioritariamente a serviço do desenvolvimento urbano-industrial.

Por meio desta concepção, a educação rural restringiu-se, tão somente, à alfabetização e/ou à qualificação profissional, visando a “formação” dos educandos para o mercado de trabalho, principalmente, para uma futura vida no meio urbano.

Assim, é importante desconstruir esta concepção, através da reformulação do currículo das escolas rurais, convergindo para abordagens que contemplem o local e o global, partindo do pressuposto de que, nos tempos atuais, os educandos deste meio almejam, sim, construir conhecimento referente às técnicas agrícolas atualizadas, concomitante às discussões relacionadas à

globalização e o acesso à internet. Algumas escolas, de um modo geral, já estão reformulando seus currículos, visando à implantação, não somente de disciplinas comuns a todo o território nacional, como também, daquelas que abranjam questões intrínsecas ao universo rural, conectando o currículo à cultura local.

ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE AS IMAGENS

Imagem 02: 'RBD' é um grupo musical originário do México, o qual surgiu no ano de 2004, como uma extensão da novela Rebelde. Composto pelos integrantes Anahí, Dulce María, Christian Chávez, Alfonso Herrera, Maite Perroni e Christopher Uckermann. Este grupo alcançou a marca de 23 milhões de cópias vendidas, em apenas quatro anos de carreira. A divulgação e a aceitação de seu trabalho, trouxe para seu fã-clube crianças e adolescentes de países como Estados Unidos, Romênia e Japão, além daqueles que compõem a América Latina. Entretanto, o grupo comunicou que até o término deste ano, realizaram sua última turnê.

Imagem 03: Este filme teve seu primeiro lançamento em 2006, passando, em 2008, pela gravação de seu último número da série (High School Musical 3), abordando a formatura e escolha de seus rumos após esta etapa. Estão no elenco os atores Vanessa Hudgens (Gabriella), Zac Efron (Troy), Ashley Tisdale (Sharpay), Lucas Grabeel (Ryan), Monique Coleman (Taylor), Corbin Bleu (Chad Danford), dentre outros. Em se tratando das vendas do musical, a Disney Channel arrecadou, em apenas dois anos, mais de 18,5 milhões de cópias vendidas.

Imagem 04: Membros da banda: Lucas Silveira (vocal e guitarra), Gustavo Mantovani (guitarra), Rodrigo Tavares (baixo e vocal) e Rodrigo Ruschel (bateria).

Imagem 05: Esta banda é composta por Diego Ferrero (vocal), Leandro Rocha (guitarra e segunda voz), Daniel Weksler (bateria), Conrado Grandino (baixo) e Filipe Ricardo (guitarra).

Imagem 06: Seus membros são: Silvânia Aquino, Paulinha Abelha, Raied Neto, Marlus Viana, Bell Oliver, Alexandre (Guitarra), Gilson Batata (Contra-baixo), Pé-de-ferro (Bateria), Missinho (Acordeon), Alex Marques (Teclado), Valdir (Percussão), dentre outros.

Imagem 07: Seus membros são Eglypcio (vocais), Román (baixo), Paulo Guilherme (bateria), Leo (guitarra) e Baía na (percussão e vocal). O nome da banda é relacionado com o nome da cidade mexicana Tijuana.

Imagem 11: Seus membros são: Sandro Coelho e Fernandinho (vocais), Markynhos Ulyan (acordeom), Sagüi (bateria), Léo (baixo), Viny Leite (guitarra) e Neguinho Gil (percussão).

PARA RECORTAR...



Imagem 02. Grupo 'RBD' (Rebelde), México.
Fonte: <http://www.rbdr.kit.net/radio/02rebeldepor.htm>

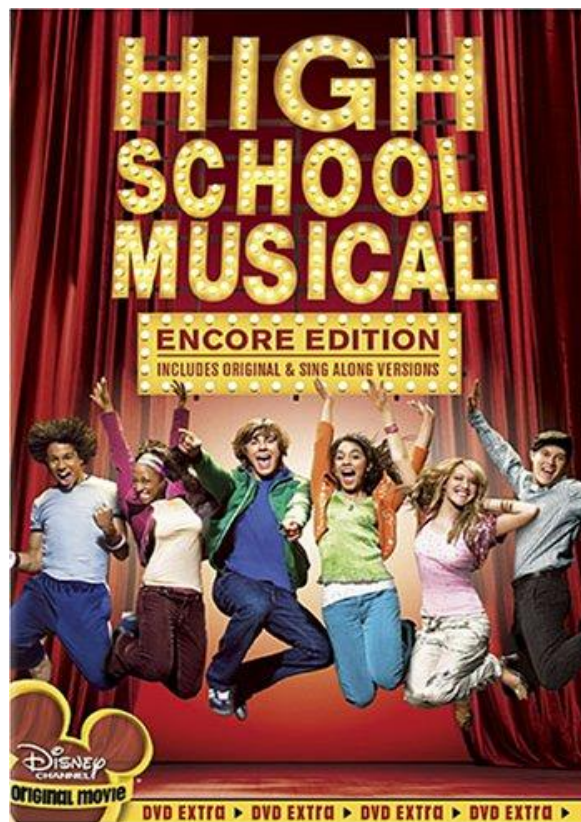


Imagem 03. Filme 'High School Musical' Estados Unidos.
Fonte: http://www.arabzs.com/2007/11/14/high_school_musical1_dvd.html



Imagem 04. Banda 'Fresno', Brasil.
Fonte: <http://didifoalya.wordpress.com/2008/04/17/redencao/>



Imagem 05. Banda 'NXZero', Brasil.
Fonte: http://www.amomusica.com.br/dvds/dvds_artistas_mostra.asp?IDdvd=46&IDart=26

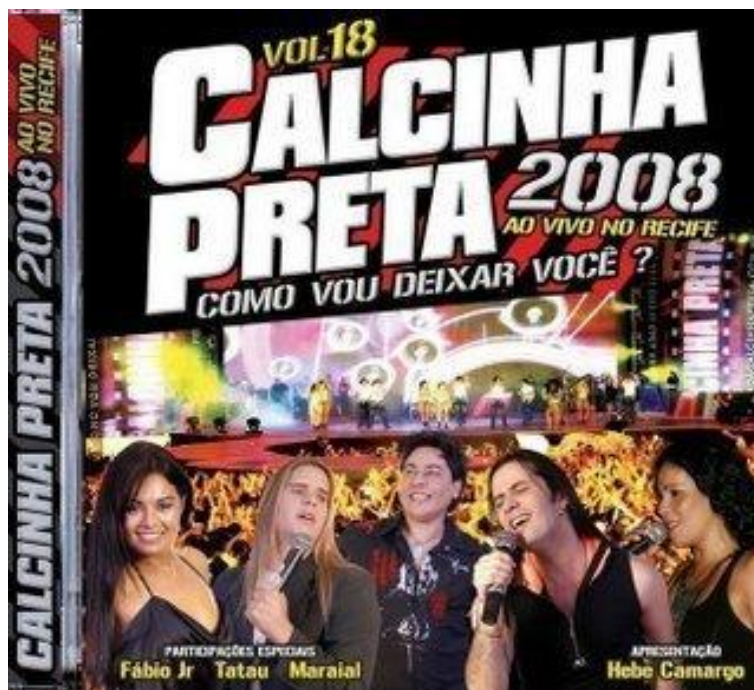


Imagem 06. Grupo 'Calcinha Preta', Brasil.
Fonte: http://www.cdscompletos.net/2007_11_18_archive.html

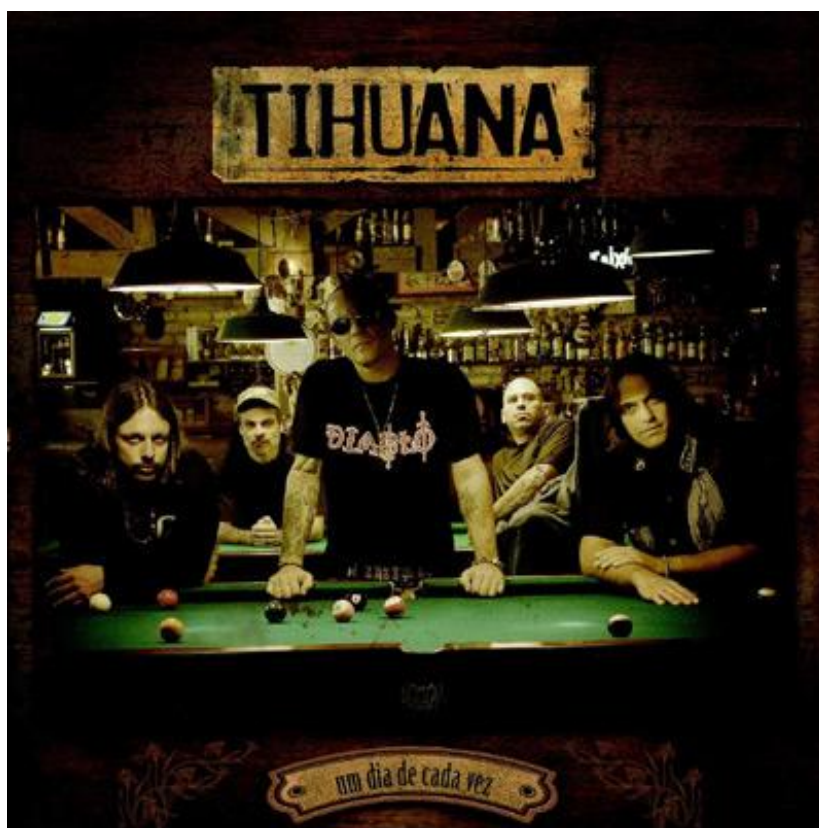


Imagem 07. Banda 'Tihuana', Brasil.
Fonte: <http://xgoogle.com.br/blog/2008/03/28/download-do-cd-tihuana-um-dia-de-cada-vez/>



Imagem 08. Trilha sonora do filme 'Tropa de Elite', Brasil.
Fonte: <http://www.sitedemusica.blogspot.com/2007/12/va-tropa-de-elite-trilha-sonoa-oficial.html>



Imagem 09. Filme 'Tropa de Elite', Brasil.
<http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL310454-7086,00.html>



Imagem 10. Revista 'Globo Rural', Brasil.
Fonte: <http://www.guiadecor.com.br/revistas/capas/>



Imagem 11. Grupo 'Tchê Garotos', Brasil.
Fonte: http://sobailao.blogspot.com/2008_02_01_archive.html

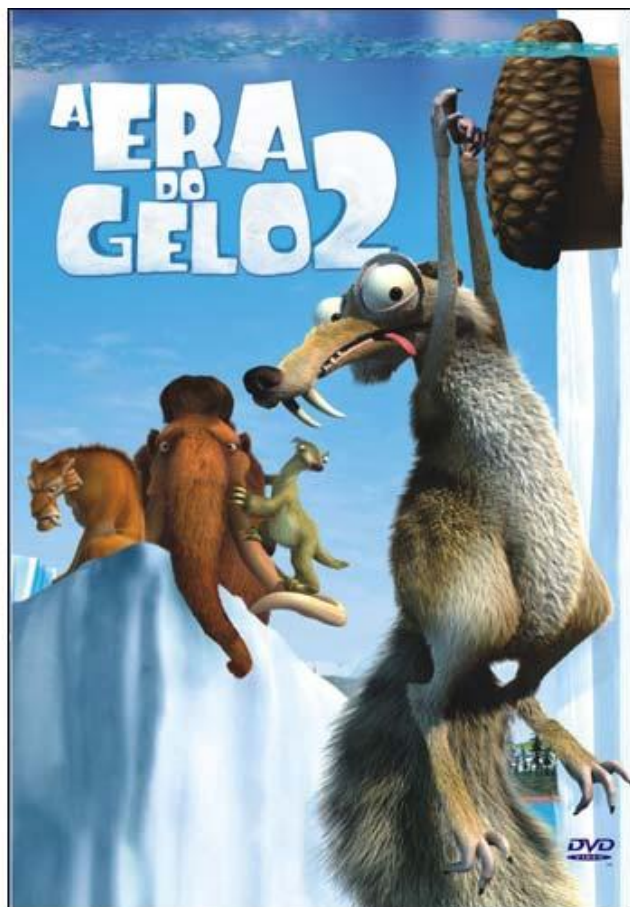


Imagem 12. Filme 'A Era do Gelo 2', Estados Unidos.
Fonte: http://www.populy.com.br/filmes/?local=verLista&acao=verLista&categoria_id=9



Imagem 13. 'Rodeio Crioulo I', em Dilermando de Aguiar.
Fonte:
http://www.dilermandodeaguiar.rs.gov.br/index.php?option=com_rsgallery2&id=14&Itemid=1&page=inline&id=94&catid=8&limitstart=31



Imagem 14. 'Rodeio Crioulo II', em Dilermando de Aguiar.

Fonte:

http://www.dilermandodeaguiar.rs.gov.br/index.php?option=com_rsgallery2&id=14&Itemid=1&page=inline&id=96&catid=8&limitstart=33

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 01 - MAPA DO MUNICÍPIO DE DILERMANDO DE AGUIAR/RS. SOUZA (1998, p. 49).

Imagem 02 - GRUPO 'RBD' (REBELDE). Disponível em: <<http://www.rbdbbr.kit.net/radio/02rebeldepor.htm>>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 03 - FILME 'HIGH SCHOOL MUSICAL'. Disponível em: <http://www.arabzs.com/2007/11/14/high_school_musical1_dvd.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 04 - BANDA 'FRESNO'. Disponível em: <<http://didifoolya.wordpress.com/2008/04/17/redencao/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 05 - BANDA 'NXZERO'. Disponível em: <http://www.amomusica.com.br/dvds/dvds_artistas_mostra.asp?IDdvd=46&IDart=26>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 06 - GRUPO 'CALCINHA PRETA'. Disponível em: <http://www.cdscompletos.net/2007_11_18_archive.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 07- BANDA 'TIHUANA'. Disponível em: <<http://xgoogle.com.br/blog/2008/03/28/download-do-cd-tihuana-um-dia-de-cada-vez/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 08 - TRILHA SONORA DO FILME 'TROPA DE ELITE'. Disponível em: <<http://www.sitedemusica.blogspot.com/2007/12/va-tropa-de-elite-trilha-sonoa-oficial.html>>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 09 - FILME 'TROPA DE ELITE'. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL310454-7086,00.html>>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 10 - REVISTA 'GLOBO RURAL'. Disponível em: <<http://www.guiadecor.com.br/revistas/capas/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 11 - GRUPO 'TCHÊ GAROTOS'. Disponível em: <http://sobailao.blogspot.com/2008_02_01_archive.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 12 - FILME 'A ERA DO GELO 2'. Disponível em: <http://www.populy.com.br/filmes/?local=verLista&acao=verLista&categoria_id=9>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 13 - 'RODEIO CRIOULO I'. Disponível em: <http://www.dilermandodeaguiar.rs.gov.br/index.php?option=com_rsgallery2&id=14&Itemid=1&page=inline&id=94&catid=8&limitstart=31>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 14 - 'Rodeio Crioulo II'. Disponível em: <http://www.dilermandodeaguiar.rs.gov.br/index.php?option=com_rsgallery2&id=14&Itemid=1&page=inline&id=96&catid=8&limitstart=33>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 15 - ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL VALENTIM BASTIANELLO. Disponível em: <http://www.dilermandodeaguiar.rs.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=140&Itemid=3&id_cat=12>. Acesso em: 15 de junho de 2008.

Imagem 16 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 17 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 18 - FILME 'VIDA DE INSETO'. Disponível em: <<http://www.portalvmmnet.kit.net/Capasdvd.htm>>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 19 - FILME 'BEE MOVIE'. Disponível em: <http://www.impawards.com/2007/bee_movie_ver3.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

Imagem 20 – FILME 'A MISSÃO', ESTADOS UNIDOS. Disponível em: <<http://www.teachwithmovies.org/guides/mission-DVDcover.jpg>>. Acesso em: 23 de junho de 2009.

Imagem 21 – FILME 'A conquista do paraíso', ESTADOS UNIDOS. Disponível em: <<http://www.cinevideo1.com.br/temas/images/product/2d49cd14c241b09f0fb1993eaab096e2.jpg>>. Acesso em: 23 de junho de 2009.

Imagem 22 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 23 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 24 – FILME 'A arca de Noé', ESTADOS UNIDOS. Disponível em:

<<http://www.pluhma.com/locadora/capas/8395.jpg>>. Acesso em: 25 de junho de 2009.

Imagem 25 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 26 – FILME ‘Titanic’, ESTADOS UNIDOS. Disponível em:
<<http://www.movie.si/userfiles/image/posters/titanic.gif>>. Acesso em: 25 de junho de 2009.

Imagem 27 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 28 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 29 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 30 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 31 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 32 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 33 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 34 – ARQUIVO DA EDUCADORA.

Imagem 35 - DILERMANDO DE AGUIAR. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilermando_de_Aguiar>. Acesso em: 16 de junho de 2008.



MINISTÉRIO DA SAÚDE
Conselho Nacional de Saúde
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
(CONEP)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP- UFSM
REGISTRO CONEP: 243



CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – (CONEP/MS) analisou o protocolo de pesquisa:

Título: A cultura visual no âmbito escolar: o universo de Dilermando de Aguiar/RS

Número do processo: 23081.010535/2008 -05

CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): 0153.0.243.000-08

Pesquisador Responsável: Marilda Oliveira de Oliveira

Este projeto foi APROVADO em seus aspectos éticos e metodológicos de acordo com as Diretrizes estabelecidas na Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Toda e qualquer alteração do Projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente a este Comitê. O pesquisador deve apresentar ao CEP:

Janeiro/2009

Relatório final

Os membros do CEP-UFSM não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

DATA DA REUNIÃO DE APROVAÇÃO: 26/09/2008

Santa Maria, 26 de setembro de 2008.

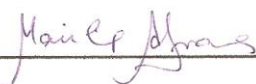
Lissandra Dal Lago
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM
Registro CONEP N. 243.



Carta de Cessão

Eu, MARÍLIA CANEDA ALVARES, brasileira, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello, localizada no município de Dilermando de Aguiar/RS, RG: 3020058263, CPF: 345.462.510-68, **autorizo** a acadêmica ANA CLÁUDIA MACHADO PAIM, brasileira, solteira, RG:1075020667, CPF: 012.601.820-02, aluna do Curso de Pós Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, matrícula 2770932, autora da Dissertação de Mestrado intitulada “A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR RURAL: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS”, sob orientação da Professora Dr^a Marilda Oliveira de Oliveira, **a utilizar a entrevista por mim concedida, bem como os dados e as imagens nela contidas** a fim de elucidar a referida pesquisa.

Santa Maria, 20 de julho de 2009.



Marília Caneda Alvares



Carta de Cessão

Eu, DIRLENE DE LOURDES MARCHEZAN, brasileira, solteira, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello, localizada no município de Dilermando de Aguiar/RS, RG: 4024372619, CPF: 403.900.550-34, **autorizo** a acadêmica ANA CLÁUDIA MACHADO PAIM, brasileira, solteira, RG:1075020667, CPF: 012.601.820-02, aluna do Curso de Pós Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, matrícula 2770932, autora da Dissertação de Mestrado intitulada “A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR RURAL: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS”, sob orientação da Professora Dr^a Marilda Oliveira de Oliveira, **a utilizar a entrevista por mim concedida, bem como os dados e as imagens nela contidas** a fim de elucidar a referida pesquisa.

Santa Maria, 20 de julho de 2009.

Dirlene L. Marchezan

Dirlene de Lourdes Marchezan



Carta de Cessão

Eu, DENISE DORNELES DA SILVA, brasileira, solteira, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello, localizada no município de Dilermando de Aguiar/RS, RG: 2036119226, CPF: 615.557.890-72, **autorizo** a acadêmica ANA CLÁUDIA MACHADO PAIM, brasileira, solteira, RG:1075020667, CPF: 012.601.820-02, aluna do Curso de Pós Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, matrícula 2770932, autora da Dissertação de Mestrado intitulada “A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR RURAL: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS”, sob orientação da Professora Dr^a Marilda Oliveira de Oliveira, **a utilizar a entrevista por mim concedida, bem como os dados e as imagens nela contidas** a fim de elucidar a referida pesquisa.

Santa Maria, 20 de julho de 2009.

Denise Dorneles da Silva



Carta de Cessão

Eu, SIMONI NARDI, brasileira, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello, localizada no município de Dilermando de Aguiar/RS, RG: 1045195086, CPF: 635.966.440-20, **autorizo** a acadêmica ANA CLÁUDIA MACHADO PAIM, brasileira, solteira, RG:1075020667, CPF: 012.601.820-02, aluna do Curso de Pós Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, matrícula 2770932, autora da Dissertação de Mestrado intitulada “A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR RURAL: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS”, sob orientação da Professora Dr^a Marilda Oliveira de Oliveira, **a utilizar a entrevista por mim concedida, bem como os dados e as imagens nela contidas** a fim de elucidar a referida pesquisa.

Santa Maria, 20 de julho de 2009.

Simoni Nardi.

Simoni Nardi



Carta de Cessão

Eu, MARIA DE FÁTIMA CAETANO PIMENTEL, brasileira, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello, localizada no município de Dilermando de Aguiar/RS, RG: 3005929314, CPF: 243.425.300-82, **autorizo** a acadêmica ANA CLÁUDIA MACHADO PAIM, brasileira, solteira, RG:1075020667, CPF: 012.601.820-02, aluna do Curso de Pós Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, matrícula 2770932, autora da Dissertação de Mestrado intitulada “A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR RURAL: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS”, sob orientação da Professora Dr^a Marilda Oliveira de Oliveira, **a utilizar a entrevista por mim concedida, bem como os dados e as imagens nela contidas** a fim de elucidar a referida pesquisa.

Santa Maria, 20 de julho de 2009.

Maria de Fátima Caetano Pimentel



Carta de Cessão

Eu, VERA TERESINHA DE OLIVEIRA HUNDERTMARCK, brasileira, casada, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Valentim Bastianello, localizada no município de Dilermando de Aguiar/RS, RG: 7021530089, CPF: 607.575.900-04, **autorizo** a acadêmica ANA CLÁUDIA MACHADO PAIM, brasileira, solteira, RG:1075020667, CPF: 012.601.820-02, aluna do Curso de Pós Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, matrícula 2770932, autora da Dissertação de Mestrado intitulada “A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR RURAL: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS”, sob orientação da Professora Dr^a Marilda Oliveira de Oliveira, **a utilizar a entrevista por mim concedida, bem como os dados e as imagens nela contidas** a fim de elucidar a referida pesquisa.

Santa Maria, 20 de julho de 2009.

Vera Teresinha de Oliveira Hundertmarck

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W; JOVCHELAVITCH; Sandra. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.93.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BREA, José Luis.(Ed.) **Estudios Visuales: la epistemología de la visualidad en la era de la globalización**. Madrid: Akal, 2005.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. pp. 103-127.

DIAS, Belidson. Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo (Org). **Visualidade e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008. pp. 37- 53.

EFLAND, Arthur D; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. **La educación en el arte posmoderno**. Barcelona: Paidós, 2003.

FREEDMAN, Kerry. **Enseñar da Cultura Visual - currículum, estética y la vida social del arte**. Barcelona: Paidós, 2006.

GUY, Debord. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____ (Org). **Cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage, 1997. p.9.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.30, n.2, pp.9-34, jul-dez, 2006.

_____. **Catadores da Cultura Visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____. La investigación basada em las artes. Propuestas para repensar La investigación en educación. **Educatio Siglo XXI**, Barcelona, n. 26, pp. 85-118, 2008.

MARTINS, Raimundo. Das belas artes à cultura visual. In: MARTINS, Raimundo (Org). **Visualidade e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008. pp. 25- 35.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Edufsm, 2007. pp.17- 40.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

MITCHELL, William. **Picture theory**. Chicago: University of Chicago Press, 1994. p.13.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. O papel da cultura visual na formação inicial em artes visuais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da Cultura Visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Edufsm, 2009, pp. 241-253.

SOUZA, Francisco Vandir de. **História do Município de Dilermando de Aguiar**. Santa Maria: Infograph, 1998.

TAVIN, Kevin M. Antecedentes críticos da cultura visual na arte educação nos Estados Unidos. In: MARTINS, Raimundo (Org). **Visualidade e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008. pp. 11- 20.

TOURINHO, Irene. Ouvindo escolhas de alunos: nas aulas de artes eu quero aprender.... In: MARTINS, Raimundo (Org). **Visualidade e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008. pp. 71-86.

WERLE, Flávia Obino Corrêa (Org). **Educação Rural em Perspectiva Internacional**: instituições, práticas e formação do professor. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

CADERNOS SECAD 2. **Educação do Campo**: diferenças mudando paradigmas. Disponível em:<
<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaodocampo/caderno.pdf>>.
Acesso em: 21 de maio de 2008.

MOREIRA, Marta Cândido; ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Diversidade cultural, currículo e práticas docentes**: uma experiência de formação continuada de professores em uma escola rural. Disponível em:
<<http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/vol02/04/art03.htm>>. Acesso em:
14 de junho de 2009.

MUNICÍPIO DE DILERMANDO DE AGUIAR. Disponível em:
<<http://www.dilermandodeaguiar.rs.gov.br/index.php>>. Acesso em: 20 de maio de 2008.

REFERÊNCIAS PARA UMA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NO CAMPO.
Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaodocampo/referencias.pdf>>
Acesso em: 21 de maio de 2008.